



**Tópicos temáticos em
sociologia: Movimentos sociais**

**Organizadores:
Heribert Schmitz
Bruno Domingues
Felipe Bandeira Netto**

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais

HERIBERT SCHMITZ
BRUNO DOMINGUES
FELIPE BANDEIRA NETTO
(ORGANIZADORES)

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais



UFPA
Belém - Pará
2018

Orientador Heribert Schmitz

**Revisão Bruno Domingues,
Felipe Bandeira Netto**

Capa Felipe Bandeira Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tópicos temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais / Heribert Schmitz, Bruno Domingues, Felipe Bandeira Netto (Organizadores). — 2018. 121 f.

Trabalho da Disciplina Tópicos Temáticos em Sociologia. Curso de Ciências Sociais. (Graduação) - Faculdade de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. SCHMITZ, Heribert. DOMINGUES, Bruno. BANDEIRA NETTO, Felipe.
Orientação: Prof. Dr. Heribert Schmitz

1. Movimentos Sociais. 2. Ação Coletiva. 3. Tópicos Temáticos em Sociologia.

CDD 370.193

Apresentação

No decorrer de um semestre letivo na disciplina “Tópicos Temáticos em Sociologia” sob temática “Movimentos Sociais no Campo e na Cidade” ministrada pelo professor Dr. Heribert Schmitz para o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, analisamos teoricamente a construção do conceito de movimentos sociais e das suas formas de agir. Buscamos compreender as pautas, as reivindicações, as performances, os repertórios, e também as emoções, numa perspectiva de compreender o que faz com que as pessoas de forma coletiva se posicionem ante as suas necessidades ou o cerceamento dos seus direitos econômicos, políticos e sociais.

As concepções de Mancur Olson, Charles Tilly, Sidney Tarrow, Maria da Gloria Gohn, Ilse Scherer-Warren e muitos outros conduziram os debates que aconteciam todas as quintas-feiras às 9h20min e foram de fundamental importância para a confecção deste dossiê.

A proposta deste dossiê é apresentar um dos resultados finais deste componente curricular através de pesquisa empírica/teórica entre movimentos sociais da cidade de Belém e Região Metropolitana, onde pudemos observar através da prática e do contato com os movimentos sociais as formas organizativas e as suas estruturas, já amplamente estudadas no decorrer de um semestre. Este dossiê é um trabalho de muitas mãos, mãos de jovens aspirantes a cientistas sociais que com a orientação do professor Heribert Schmitz buscaram ao longo destes 5 meses conhecer, ouvir e anotar cada detalhe dos movimentos sociais, algo que se faz tão necessário em tempos sombrios no cenário político atual, em um contexto de golpe jurídico-político-midiático e de Estado cada vez menos próximo das políticas heterodoxas cada vez menos próximo das minorias e movimentos sociais.

O capítulo que abre este dossiê foi escrito pelos discentes: Doralice de Vilhena Serrão, Francisco Leandro Martins Lameira, Francisco Oliveira, Jordan de Souza França e trata acerca do Movimento Frente Brasil Popular, um movimento nacional de esquerda que agrega outros movimentos, entidades e partidos de esquerda. Ela surge após o Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, num contexto em que há várias perdas de direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988 e de crise da democracia brasileira, conquistada com a luta popular. Este movimento atua através de trabalho de base indo às comunidades e bairros para conscientizar a população local. Elabora programações como plenárias, seminários, comitês e congressos do povo a nível municipal, estadual e nacional. Seus principais adversários são a economia neoliberal, a elite conservadora brasileira, o governo de Michel Temer, a

desigualdade social, a mídia, fakenews, etc. Uma de suas conquistas é o retardamento da reforma da previdência e uma de suas pautas é o Lula livre. O movimento não imagina o seu fim, porque ainda tem muitos direitos a serem conquistados. A pesquisa de campo realizou-se no Comitê do PT e na programação da semana universitária da UFPA, onde foram feitas 12 entrevistas.

O segundo capítulo, escrito pelos discentes Ana Lúcia Maués de Menezes, Camila Lorena Gonçalves, Elcione da Silva e Silva, Gabriela Galvão Braga Furtado, Juliana Dias Campos que analisaram o Movimento Brasil Livre e sua relevância no meio político brasileiro, destacando que o movimento possui uma densa capacidade de mobilização. Buscou-se identificar os diversos meios de atuação do movimento no Pará, além de suas características e demandas.

No terceiro capítulo os alunos Analia Cristina da Silva Machado, Diogo Ferreira Pereira, Hamblea Victoria Diniz Souza, Maicon Silva Pantoja apresentam os resultados de pesquisa entre participantes do movimento negro do CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará), com participantes do coletivo da juventude ligado ao CEDENPA, tratando de questões referentes ao movimento negro como suas principais lutas, reivindicações, organizações, fundação do movimento no Pará, membros participantes e projetos do movimento.

No quarto capítulo os discentes Beatriz Brasil Da Silva Monteiro, Bruno Rodrigo Carvalho Domingues, Felipe Bandeira Netto, Renato Campelo França Junior e Ricardo Soares Neto apresenta os resultados de pesquisa entre os membros do movimento Ocupar a República, que teve destaque durante as mobilizações contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff após um grupo de amigos decidir “ocupar” a Praça da República em Belém do Pará para discutir democracia e defender os direitos dos trabalhadores. Os resultados apontam as performances, o repertório e a estrutura organizacional do movimento que atuou online e off-line.

No quinto e último capítulo, os alunos Douglas Pereira, Luiz Felipe Santa Rosa, Yasmim Mescouto, Yasmin Barbosa apresentam os resultados de pesquisa sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) objetivando compreender a luta histórica e contemporânea do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, tendo como ferramenta a entrevista realizada com o militante do movimento André Rocha, assim como o conteúdo da disciplina Tópicos Temáticos em Sociologia. Explanam sobre a questão agrária no Brasil e o papel do MST na luta campesina pelo direito à terra, bem como seu histórico de marchas, ocupações, eventos, sua organização enquadrada no modelo de democracia ascendente, estratégia política, a construção de acampamentos e assentamentos. Os autores tratam a respeito das principais

bandeiras de luta do movimento que se configuram como a luta da reforma agrária, o fim do latifúndio e a implantação do Socialismo; o papel do agronegócio que foi eleito pelo entrevistado o principal inimigo do movimento, sendo o fomentador da violência no campo. Os autores também ressaltam o cenário atual do movimento no governo Temer com a mudança da legislação a respeito do uso de agrotóxicos. Abordam também a inclusão de pautas e coletivos LGBT, de gênero, e movimento Negro dentro do MST. Além da perda de apoio do movimento na última década, e uma mudança na forma de luta que passa a ser mais institucionalizada.

Desejo a todos e todas, uma boa leitura!

Bruno Rodrigo Carvalho Domingues
Estudante de Ciências Sociais

Sumário

AÇÃO COLETIVA UM	10
FRENTE BRASIL POPULAR	11
<i>Francisco Oliveira, Doralice de Vilhena Serrão, Francisco Leandro Martins Lameira, Jordan de Souza França</i>	
O processo de criação do movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)	11
A principal reivindicação do movimento	13
O principal adversário do movimento	14
Os participantes do movimento	14
Via campesina	17
O modo como o movimento é organizado	17
As formas de luta do movimento	17
Caracterização do movimento com base em suas ações	17
O modo como o movimento caracteriza os seus adversários nas suas ações	17
As ações mais recentes do movimento	18
Os aliados do movimento em suas ações	18
As principais conquistas do movimento	18
Derrotas do movimento na atualidade	19
Pode-se imaginar um encerramento das atividades do movimento no caso de ter alcançado os seus objetivos?	19
Os maiores desafios do movimento na atualidade	19
Considerações Finais	20
Referências	21
Apêndice	21
AÇÃO COLETIVA DOIS	39
RELATÓRIO: MOVIMENTOS SOCIAIS – MBL	40
<i>Ana Lúcia Maués de Menezes, Camila Lorena Gonçalves, Elcione da Silva e Silva, Gabriela Galvão Braga Furtado, Juliana Dias Campos</i>	
Histórico	40
Metodologia	46
Resultados	46
Conclusão	48
Referências	50
Anexo A – Entrevista 1	50
Anexo B – Entrevista 2	52

Anexo C - Entrevista 3	55
AÇÃO COLETIVA TRÊS	62
O MOVIMENTO NEGRO NO ESTADO DO PARÁ	63
<i>Anália Cristina Da Silva Machado, Diogo Ferreira Pereira, Hamblea Victoria Diniz Souza, Maicon Silva Pantoja.</i>	
O que o Movimento Negro busca hoje	65
Pesquisa movimentos sociais: Movimento Negro no Pará	66
Protagonistas	68
Considerações Finais	69
Referências Bibliográficas	70
AÇÃO COLETIVA QUATRO	71
O MOVIMENTO OCUPAR A REPÚBLICA - RELATÓRIO DE PESQUISA	72
<i>Beatriz Brasil da Silva Monteiro, Bruno Rodrigo Carvalho Domingues, Felipe Bandeira Netto, Renato Campelo França Junior, Ricardo Soares Neto</i>	
História do Movimento “Ocupar a República”	75
Motivações	77
Perfil dos Participantes	78
Repertório e Performance	80
Os Conflitos	87
Desafios	88
Conclusões	91
Bibliografia	94
AÇÃO COLETIVA CINCO	95
TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA – MST	96
<i>Douglas Pereira Pinheiro, Luiz Felipe da Rosa Santa Brígida, Yasmim Pereira Cunha Mescouto, Yasmin Barbosa Pinto</i>	
A história da estrutura agrária no Brasil e o surgimento do MST	97
Objetivos do Movimento	98
Como o movimento se organiza?	99
Ações Políticas	100

Cenário Atual	101
Conclusão	104
Referências	106
Anexo	107

AÇÃO COLETIVA UM

FRENTE BRASIL POPULAR

O processo de criação do movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)

Doralice de Vilhena Serrão
Francisco Leandro Martins Lameira
Francisco Oliveira
Jordan de Souza França

Este trabalho tem como objetivo compreender as características de um tipo de ação coletiva (movimentos sociais) a partir de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo sobre o movimento Frente Brasil Popular, na qual fora realizado nove entrevistas. A pesquisa de campo realizou-se no comitê do PT e na programação da semana universitária da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém do Pará.

Em linhas gerais pode-se entender que A Frente Brasil Popular é um movimento nacional de esquerda que agrega outros movimentos, entidades e partidos de esquerda. Ela surge após o um golpe de governo que se deu através do Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, num contexto em que há várias perdas de direitos sociais garantidos pela Constituição Federal de 1988 e de crise da democracia brasileira.

A Frente atua através de trabalho de base indo às comunidades e bairros para conscientizar a população local. Elabora programações como plenárias, seminários, comitês e congressos do povo a nível municipal, estadual e nacional. E tem como adversários a economia neoliberal, a elite conservadora brasileira, o governo de Michel Temer, a desigualdade social, a mídia, fakenews, etc. Uma de suas conquistas é o retardamento da reforma da previdência e uma de suas principais pautas é o Lula livre. O movimento não imagina o seu fim, porque ainda tem muitos direitos a serem conquistados.

Para compreender de modo mais aprofundado sobre esse tipo de movimento, esse trabalho orientar-se-á a partir do seguinte encadeamento lógico: 1) o processo de criação do movimento; 2) a principal reivindicação do movimento; 3) os adversários do movimento; 4) a principal reivindicação do movimento; 5) participantes do movimento; 6) a organização do movimento; 7) as forma de luta do movimento; 8) a caracterização do movimento com base em suas ações 8) o modo como o movimento caracteriza os seus adversários em suas ações 9) as ações mais recentes do movimento 10) os aliados do movimento em suas ações; 11) as principais conquistas do

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

movimento; 12) as derrotas do movimento na atualidade; 13) se pode imaginar um encerramento das atividades do movimento no caso de ter alcançado os seus objetivos; 14) quais os maiores desafios do movimento na atualidade.

Ao analisar os dados da entrevista, podemos observar que o processo de criação do movimento está relacionado a dois anos citados pelos entrevistados, a saber: os anos 2014 e 2016. Em relação ao primeiro ano (2014), a Frente surge a partir de um contexto em que a juventude estava preocupada com a política econômica adotada pelo governo Dilma em seu segundo mandato. Era necessário lutar pela Democracia, porque no final de 2014 a direita, que perdeu as eleições, tentava de várias maneiras invalidar o resultado da eleição que aconteceu neste ano.

Além do mais, um outro contexto que contribuiu para a criação da Frente Brasil Popular é 2016. É nesse ano que acontece o impeachment do governo Dilma, golpe contra o governo da ex-presidente. Diante disso, viu-se a necessidade de organizar uma Frente para fazer face a esse caso. Então, vários partidos, sindicatos e diferentes movimentos sociais decidem se organizar em defesa da Democracia, contra uma realidade de profunda crise econômica, política e social e de desmonte dos direitos sociais.

Atualmente, compõe a Frente Brasil Popular várias entidades tais como: MST, PT, PSOL Levante Popular da Juventude, Movimento contra Barragem, Movimento de Soberania Popular pela Mineração, Movimento Negro, Movimento Feminista, Movimento LGBT, entre outros. Então a Frente Brasil Popular não é uma Frente Unipartidária. É bastante heterogênea, pois há vários partidos e movimentos sociais que fazem parte dela, sendo aberta a qualquer movimento social de esquerda.

A partir de uma pesquisa realizada na plataforma digital (site) do movimento, observou-se que a origem da Frente se deu a partir da realização de uma Conferência Nacional Popular no dia 5 de setembro de 2015, em Belo Horizonte, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

O objetivo da convocação de diversos outros tipos de ações coletivas nesse período era a defesa dos direitos, as aspirações do povo brasileiro, a democracia e outra política econômica para defender a soberania nacional e a integração regional. Contudo, sem abrir mão das reivindicações específicas, da diversidade de opiniões e da autonomia das organizações que integra e representa a Frente Brasil Popular.

A Frente Brasil Popular foi construída em vários estados e municípios, com base nas diretrizes

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

discutidas na Conferência Nacional Popular, articulando da forma ampla, unitária e consensual artistas, intelectuais, religiosos, parlamentares e governantes, integrantes e representantes de movimentos populares, sindicais, partidos políticos e pastorais, indígenas e quilombolas, LGBT, negros e negras, mulheres e juventude, cidadãs e cidadãos de todas as regiões do País.

Para ganhar caráter nacional a Frente Brasil Popular apoia e participa da luta das categorias e setores sociais que se mobiliza em todo o país, convida e acolhe todos e todas, figuras públicas ou não, que se sentem comprometidos com as suas propostas programáticas e de luta social. É necessária toda essa unidade especialmente para fazer frente a forças conservadoras, que aplicou o golpe do governo Dilma Rousseff democraticamente eleito.

A principal reivindicação do movimento

Atualmente uma das principais reivindicações de todos os integrantes do movimento é Frente Brasil é o LULA LIVRE. O ex-presidente, segundo os entrevistados, é considerado o símbolo da classe trabalhadora e representa o interesse do povo. No entanto, existem várias reivindicações do movimento que são importantes em que nenhuma bandeira de luta é melhor do que a outra, a saber: a defesa da democracia, o respeito ao gênero, o respeito a diversidade, o respeito a orientação sexual, a garantia de direitos para os trabalhadores, a luta pela não reforma da previdência, a luta pela não reforma trabalhista, entre outras.

Usando outras referências para que fosse melhor consolidado os objetivos do movimento, percebeu-se que são os seguintes:

1. Defender os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras: melhorias das condições de vida, emprego, salário, aposentadoria, moradia, saúde, educação, terra e transporte público. Luta-se contra o ajuste fiscal e contra todas as medidas que retiram direitos, eliminam empregos, reduzem salários, elevam tarifas de serviços públicos, estimulam a terceirização. Defende-se uma política econômica voltada para o desenvolvimento com distribuição de renda. Luta-se contra a especulação financeira nacional e internacional, que transfere para uma minoria, por vias legais ou ilegais, através da corrupção e de contas bancárias secretas, parte importante da riqueza produzida pelo povo brasileiro.
2. O movimento busca ampliar a democracia e a participação popular nas decisões sobre o presente e o futuro de nosso país. Luta-se contra o golpismo — parlamentar, judiciário ou midiático — que ameaça à vontade expressa pelo povo nas urnas, as liberdades democráticas e o

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

caráter laico do Estado. Luta-se por uma reforma política soberana e popular, que fortaleça a participação direta do povo nas decisões políticas do País, garanta a devida representação dos trabalhadores, negros e mulheres, impeça o sequestro da democracia pelo dinheiro e proíba o financiamento empresarial das campanhas eleitorais. Luta-se contra a criminalização dos movimentos sociais e da política, contra a corrupção e a partidarização da justiça, contra a redução da maioria penal e o extermínio da juventude pobre e negra das periferias, contra o machismo e a homofobia, contra o racismo e a violência que mata indígenas e quilombolas.

3. A Frente Brasil Popular visa promover reformas estruturais, para construir um projeto nacional de desenvolvimento democrático e popular: reforma do Estado, reforma política, reforma do poder judiciário, reforma na segurança pública com desmilitarização das Polícias Militares, democratização dos meios de comunicação e da cultura, reforma urbana, reforma agrária, consolidação e universalização do Sistema Único de Saúde, reforma educacional e reforma tributária. Luta-se pela democratização dos meios de comunicação de massa e pelo fortalecimento das mídias populares, para que o povo tenha acesso a uma informação plural, tal como está exposto na Lei da Mídia Democrática.

4. A Frente defender a soberania nacional. O povo é o dono das riquezas naturais, que não podem ser entregues às transnacionais e seus sócios, portanto, luta em defesa da soberania energética, a começar pelo Pré-Sal, a Lei da Partilha, a Petrobrás, o desenvolvimento de ciência e tecnologia, engenharia e de uma política de industrialização nacional. Luta-se pela soberania alimentar e em defesa do meio ambiente, sem o qual não haverá futuro. Luta-se contra as forças do capital internacional, que tentam impedir e reverter a integração latino-americana.

O principal adversário do movimento

O movimento tem vários adversários: 1) a pobreza, a miséria e a desigualdade; 2) o sistema capitalista marcado por ideias neoliberalistas e expresso nas empresas nacionais e transnacionais; 3) a elite brasileira que comunga com a ideia de entregar o Brasil para o capital exterior; 4) a mídia (especialmente a rede globo); 5) o governo Temer 6) os partidos de direita e 6) os conservadores.

Os participantes do movimento

Participam da Frente Brasil Popular (por ordem alfabética):

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Adere – Movimento dos Assalariados Rurais

A Marighella

ANA – Associação Nacional de Agroecologia

Associação de Advogados da União pela Democracia

ANPG- Associação Nacional dos Pós-Graduandos

Ainda MG

ATRAF (Associação dos Trabalhadores de Franca)

Barão de Itararé

CBJP – Comissão Brasileira de Justiça e Paz

CEBES - Centro Brasileiro de Estudos de Saúde

CEBRAPAZ (Centro Brasileiro de Solidariedade e Luta pela Paz)

CMP (Central de Movimentos Populares)

CONAM (Confederação Nacional das Associações de Moradores)

CONAQ – Movimento Nacional dos Quilombolas

CONEN (Confederação Nacional de Entidades Negras)

Consulta Popular

CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura)

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil)

CUT (Central Única dos Trabalhadores)

ESTOPIM

FETRAF Brasil

Fora do Eixo

FNDC (Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação)

Fórum Político Inter-religioso

FEAB (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil)

Federação dos Metalúrgicos do RS

Fórum 21

FUP (Federação Única dos Petroleiros)

Grupo ACONTECE – Arte e Política LGBT

INESC

Igrejas

INMA (Instituto Nacional do Meio Ambiente)

Juventude Revolução

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Levante Popular da Juventude

Marcha Mundial das Mulheres

Mídia Ninja

MCP (Movimento Camponês Popular)

MTD (Movimento das Trabalhadoras e dos Trabalhadores por Direitos)

MLT (Movimento de Luta por Terra)

MMC (Movimento de Mulheres Camponesas)

MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens)

MNCCD (Movimento Nacional Contra Corrupção e pela Democracia)

MNLCN (Movimento Nacional de Luta Contra o Neoliberalismo e Pelo Socialismo)

MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores)

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra)

MOTU (Movimento dos Trabalhadores Urbanos)

MAM (Movimento Nacional Pela Soberania Popular Frente à Mineração)

Movimento Nacional de Rádios Comunitárias

Movimento da Reforma Sanitária Brasileira

Movimento das Pescadoras e Pescadores do Brasil

Movimento Fé Brasil

Nação Hip Hop Brasil

Pastorais Sociais

Rede de Médicas/os Populares

RENAP (Rede Nacional de Advogados Populares)

Sindsesp SP

Sindieletro MG (Sindicato dos Eletricitários de Minas)

SENGE-Rio (Sindicato dos Engenheiros do Estado – RJ)

Sindute MG (Sindicato Único de trabalhadores em Educação de Minas Gérias)

UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas)

UBM (União Brasileira de Mulheres)

UJS (União da Juventude Socialista)

UNEGRO (União de Negros Pela Igualdade)

UNE (União Nacional de Estudantes)

UNMP (União Nacional por Moradia Popular)

Via campesina

Além do mais, parlamentares e dirigentes de diversos partidos e correntes partidárias, entre os quais o **PT**, o **PCdoB**, o **PSB**, **PMDB**, **PCO**, **PCML**, **Refundação Comunista** e o **PDT**. Também participam diversos intelectuais e jornalistas que atuam em diferentes espaços da mídia popular e que compartilham desse esforço.

O modo como o movimento é organizado

A organização do movimento Frente Brasil Popular é a nível nacional. Ele realiza conferências nacionais e plenárias. A organização se dá também por meio de comitês que é realizado em vários municípios e tem uma coordenação nacional, regional e local que fica responsável pelas ações de cada estado. A ideia, pelo que se percebe, não é construir um patrimônio físico, mas sim construir lutas e articulações.

As formas de luta do movimento

O movimento é muito dinâmico: é feito plenárias nos bairros com a finalidade de conscientizar a sociedade. Luta-se contra a insegurança, a violência doméstica e a volta da ditadura. A conscientização política também é usada como uma forma de luta, uma vez que uma população consciente de seus direitos está melhor preparada para combater as arbitrariedades cometidas pelo Estado. Mas é importante frisar que cada movimento tem métodos de ações peculiares, práticas e experiências que vão desde queimar pneus, fechar ruas, tudo com o objetivo de chamar atenção das autoridades políticas devido as arbitrariedades que eles estão cometendo contra a sociedade.

Caracterização do movimento com base em suas ações

Fica notório que o Movimento Frente Brasil Popular tem como característica principal as mobilizações, os atos de rua e o embate de ideias. Tem como característica a reeducação política da sociedade, com o objetivo de resistir aos atos arbitrários cometidos contra a população, além de lutar em defesa da democracia e ampliação de direitos já conquistados.

O modo como o movimento caracteriza os seus adversários nas suas ações

Os argumentos expostos levam ao entendimento de que o Movimento Frente Brasil Popular caracteriza seus adversários de várias maneiras. A mídia é caracterizada como manipuladora das informações que chegam até as pessoas. Além disso, ela é vista como uma força contrária, em

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

desfavor dos objetivos dos membros do movimento e de seus representados. Há outros adversários do movimento: são as pessoas que não respeitam a democracia, desconsiderando ideias que não coadunam com as suas. Enfim, a mídia oficial é caracterizada a personificação dos adversários do movimento Frente Brasil Popular.

As ações mais recentes do movimento

As ações mais recentes da Frente Brasil Popular é o Congresso do povo que é um grade mutirão de trabalho de base, se vai para onde o povo está, lá se conversa sobre os problemas, quem os provoca e que soluções podem-se construir para resolvê-los; a semana universitária; as criações dos comitês em bairros; Lula livre também é uma ação que tem sido mais intensificada, porque se o Lula ficar livre voltar a ser presidente, muitos dos nossos direitos que foram tirados durante esse governo golpista (governo Temer) serão resgatados e muitos serão ampliados; a brigada está na rua; a brigada de propaganda que acontece no Gabinete do Paulo Rocha onde se reúnem vários jovens de vários movimentos, todos os dias da semana acontece atividades, atividades para sair nas ruas pela parte da tarde.

Os aliados do movimento em suas ações

Pode-se considerar como aliados do Movimento da Frente Brasil Popular a sociedade brasileira como um todo, a Universidade Federal do Pará e seus docentes, todos aqueles que são contra a retirada de direitos, a classe dos trabalhadores, negros, mulheres, LGBT, os movimentos sociais, os movimentos de bairros, a juventude, os que defendem e lutam pela democracia, o povo organizado, não organizado, as universidades públicas e privadas, todos aqueles que pensam e querem construir um Brasil melhor, deputados, senadores.

As principais conquistas do movimento

A principal conquista foi ter retirado a reforma da providência de pauta. No entanto, tem outras como conseguir pelo comitê reformar uma escola e alugar um espaço para os alunos continuarem a estudar durante a reforma; a Brigada sai e se propõe a conversar e muitas pessoas estão dispostas a conhecer, a debater; a própria conscientização das pessoas; construir este processo de resistência; conseguir reunir as pessoas hoje pra essa Semana Universitária; colocar no Brasil uma nova perspectiva de pensamento, de ideias, que se contrapõem ao projeto neoliberal.

Derrotas do movimento na atualidade

A Frente como movimento já sofreu muitas derrotas, dentre elas o golpe do impeachment da Dilma e a prisão do Lula, no entanto, é justamente na derrota que a Frente ganha mais força para lutar para mudar esse país. A retirada de direitos em diversas áreas como na saúde, educação, mobilidade urbana, meio ambiente, do acesso à terra, tudo isso é derrota que esse governo está implementando e que deve ser combatido.

Cada direito retirado do trabalhador é uma derrota, mas também tem um aprendizado diário. A Frente Brasil Popular sofre muita repressão tanto dentro da casa como fora, os militantes tentam construir espaços, porém às vezes não se consegue, as pessoas não participam das reuniões nos comitês. Quando não dá certo de um método, pensa-se em um novo para que as pessoas se sintam mais confortáveis com o movimento e fazer com que elas se desprendam de todo preconceito. Há lugares em que ainda não conseguimos entrar, pessoas que não estão abertas ao diálogo, entretanto, isso não é uma derrota, mas um desafio.

Pode-se imaginar um encerramento das atividades do movimento no caso de ter alcançado os seus objetivos?

O objetivo da Frente Brasil Popular não é uma reivindicação específica, luta-se por moradia e etc. As pautas são grandiosas, são reformas estruturais e restabelecimento da democracia, isso vai levar muito tempo para se conseguir reverter, então jamais vai se encerrar. A Frente Brasil Popular é para a eternidade, porque o aprendizado é constante, temos que desconstruir os preconceitos da sociedade, diminuir a desigualdade econômicas, sociais, politizar a sociedade, a luta é constante a favor dos trabalhadores. As necessidades sempre vão estar eminentes, a luta não começa e não termina com as mulheres, os LGBT, a luta é para a vida inteira, não é porque as pessoas não conseguem atingir os seus objetivos que irá acabar, o nosso objetivo tem que continuar, porque são grandes. A Frente não tem prazo de validade, a pretensão é que dure por vários anos para que agente trabalhe a consciência dos trabalhadores e das trabalhadoras da sociedade civil como um todo.

Os maiores desafios do movimento na atualidade

Para o Frente Brasil Popular os maiores desafios é contra a mídia, os *fakenews*, o governo Temer, a luta pela defesa da Democracia, os desafios financeiros, a dificuldade orçamentária, porque a brigada funciona com doações, as dificuldades de pessoas para se engajarem no movimento e a aquelas que já possuem vínculo com a FRENTE de permanecerem engajadas, a libertação do

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Lula, a construção de uma consciência socialista, construir uma nova cultura política, mudar as nossas estruturas sociais, vencer o nosso adversário, trabalhos de base, os grandes meios de comunicação, combater o projeto neoliberal que tem o poder principalmente de comunicação, não só nacional, com poderio americano de influência.

Considerações Finais

Diante do exposto, pode-se concluir que a Frente Brasil Popular é um movimento social bastante heterogêneo, composto por movimentos, entidades e partidos de esquerda, e que tem sua origem bem recente. Foi identificado que o movimento é bastante organizado, possui uma identidade bastante diversificada, é financiado por outros tipos de organizações que são agregadas diretamente ao movimento. Além do mais, a Frente Brasil Popular possui adversários, e portanto, põe em prática várias ações para fazer face aos mesmos.

Referências

<http://www.frentebrasilpopular.org.br/>

Apêndice

**ROTEIRO: PESQUISA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA
MOVIMENTOS SOCIAIS
2018**

PERGUNTAS SOBRE O MOVIMENTO

Nome do Movimento: Frente Brasil Popular

Nome dos entrevistados:

- *Adema Pereira Monteiro (Data 23/05/2018; Local: UFPA)*
- *Bruna Cecília Carvalho Nascimento (Data: 29/05/2018; Local: UFPA)*
- *Fernando Silva (Data: 23/05/2018; Local UFPA)*
- *Marciana Batista (Data: 23/05/2018; Local: UFPA)*
- *Ana Terra Conceição Batista (Data: 23/05/2018; Local: UFPA)*
- *Heberto de Castro (Data: 28/05/2018; Local: UFPA)*
- *Jhonatam Barbosa (Data: 29/05/2018; Local: UFPA)*
- *Paulo Rubem Nascimento Coem (Data: 29/05/2018; Local: UFPA)*
- *Leonardo Rodrigues dos Santos (Data: 28/05/2018; Local UFPA)*

Nome dos entrevistadores:

- *Doralice de Vilhena Serrão*
- *Francisco Leandro Martins Lameira*
- *Francisco Oliveira*
- *Jordan de Souza França*

1. Como foi o processo de criação desse movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)?

Adema Pereira Monteiro: A Frente iniciou no contexto de agravamento econômico, político e social no país, como um esforço de criar unidade entre os movimentos já existentes, como camponeses, sindicais, mulheres, juventude que estavam preocupados com a política econômica que o governo Dilma adotou no segundo mandato e a defesa da democracia porque no final de 2014 a direita que perdeu a eleição tentava de toda a forma invalidar o resultado da eleição de 2014. A Frente nasce nesse contexto de acirramento das consequências das crises econômicas na vida do povo. Então isso faz com que os movimentos se juntem nesse enfrentamento, nessa realidade do país de aprofundamento da crise econômica, política e social.

Bruna Cecília Carvalho Nascimento: O ano da criação foi em 2015, eu conceituei a Frente Brasil Popular como um grande foro, onde estão compostos vários movimentos sociais, como Levante Popular da Juventude, MST, Movimento Contra Barragem, Movimento de Soberania Popular pela Mineração. Então o ano da fundação da frente Brasil Popular foi em 2015, contra o golpe de 2016.

Fernando Silva: O ano de criação desse movimento eu não sei dizer exatamente, mas ele aconteceu em virtude de várias coisas que aconteceram a nível nacional por parte da direita está se organizando. Houve uma necessidade que os movimentos sociais e a própria esquerda também se organizassem para poder fazer o mesmo embate que a direita estava fazendo de uma forma organizada. Então a Frente Brasil Popular não é uma Frente Unipartidária, pois há vários partidos e movimentos sociais que fazem parte da Frente Brasil Popular. É aberto a qualquer movimento de esquerda e qualquer movimento social.

Marciana Batista: Eu entendo o marco de surgimento da Frente Brasil Popular quando houve a tentativa do golpe ao governo da Dilma Rousseff. Começamos a perceber que aquilo se tratava de um golpe e, portanto, presávamos nos organizar. A partir daí vai se ampliando as bandeiras de luta. Então ficou muito mais fortalecido a partir do impeachment do governo Dilma / quando se junta vários partidos e movimentos de esquerda para garantir seus direitos, a luta pela democracia (que foi a coisa mais forte) para que a gente voltasse a ditadura militar, eu sou de uma geração que viveu esses momentos esse momento dolorido e árduo, massacrante.

Ana Terra Conceição Batista: eu não muito inteirada com o processo de criação do movimento,

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

mas o que pude perceber com pessoas que estavam desde o início, o movimento foi uma alternativa de união aos movimentos sociais e de os partidos se unirem. A Frente exige uma união em defesa da Democracia e viram que tinham afinidade e se uniram nessa Frente. Acredito que o processo de criação da Frente se deu em 2016 com o golpe do governo Dilma. Foi um contesto em que nós percebemos que as instituições democráticas e a democracia estavam sendo ameaçadas, recebendo vários ataques por parte do judiciário, por patê da imprensa, por parte de vários outros modos de poder.

Heberto de Castro: Frente Brasil Popular tem vários partidos de esquerda, os cidadãos são da esquerda durante o governo petistas estão fazendo a defesa desse projeto popular. Eu participo só com as atividades da Frente Brasil Popular.

Jhonatam Barbosa: Houve várias pautas em relação a conjuntura política para construção desse movimento, isso surgiu dos acontecimentos que vem ocorrendo no país, em relação ao golpe que foi o estoupim, então os movimentos perceberam que o brasileiro estava sofrendo as consequências disso, então resolveu englobar esta questão formando a Frente Brasil Popular. O movimento veio surgir neste ano de 2018, sendo que eu tou bem novo no movimento, eu faço parte do Levante, se fosse para falar mais do Levante poderia dar mais informações. Em relação ao que eu sei, é que ela surgiu de vários movimentos que se juntaram e formaram a Frente Brasil Popular.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Se deu a partir 2016, que teve o golpe contra o governo da Dilma, foi uma iniciativa, uma resposta dada pelo movimento socais, pelos partidos de esquerda. A frente Brasil Popular é uma iniciativa da esquerda. Atualmente compõe a Frente Brasil popular cerca de oitenta entidades, entre elas o MST, PT, O levante popular da juventude, alguns setores do PSOL, MAB. A frente Brasil Popular é uma frente unitária da esquerda. Ela está criando os comitês populares nos bairros, eu estou ajudando no comitê popular de Ananindeua.

Paulo Rubem Nascimento Coem: A partir do impeachment da presidenta Dilma em 2016, se tomou a iniciativa de criar e fortalecer e unificar os movimentos sociais, que iriam combater o projeto neo-liberal no nosso país.

2. Qual a principal reivindicação do movimento?

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Adema Pereira Monteiro: Em defesa da democracia e combatendo o golpe de Estado que começava a se colocar em prática em 2015.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: É uma grande organização contra o Golpe de 2016, que foi o impeachment da Dilma.

Fernando Silva: Todas as reivindicações são principais/ não existe nenhuma bandeira de luta mais principal do que as outras. O que une/agrega todas as bandeiras é garantia do direito democrático de Estado. É essa reivindicação que é comum em todos os envolvidos no momento. Não há a principal. E também a garantia de direitos, o respeito ao gênero, a diversidade, orientação sexual. Toda essa aí tem a mesma importância que qualquer outra bandeira de luta.

Marciana Batista: Eu até diria com mais ênfase que essa perda de direitos (principalmente da legislação, com a rasgar da nossa constituição que foi construída com muita morte, sangue).

Ana Terra Conceição Batista: Na minha leitura a defesa da democracia, a defesa das pessoas mais fracas.

Herberto de castro: LULA livre, porque todo o projeto que o Brasil representou.

Jhonatam Barbosa: É o direito do cidadão, porque a gente percebe que essa conjuntura está tirando, então a gente vem pautando a luta para ter de volta nossos direitos, porque vemos que nós estamos sofrendo consequências.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Atualmente a pauta principal é o LULA livre, mas para além da candidatura do LULA, é a proposta de voltarem as bases, ter esse caráter de conversar com as pessoas dos bairros, da periferia, pessoal da cidade.

Paulo Rubem Nascimento Coem: A Frente trabalha na perspectiva da defesa da democracia, da luta por direitos, contra perda de direitos e pela libertação do Lula nesse momento, por avanços no ponto de vista da reforma agrária, da reforma urbana, basicamente isso é umas das principais lutas.

3. Qual o principal adversário?

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Adema Pereira Monteiro: nas análise da Frente Brasil Popular a gente sempre procura identificar para além do governo, as forças políticas que são responsáveis por esse retrocesso dos direitos sociais, pela destruição da constituição brasileira, os agentes econômicos que estão atrás disso, as empresas nacionais, transnacionais expressas no capital financeiro são os principais adversários, além da elite brasileira que acaba fazendo essa entrega do país para esses agentes.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Eu acho que não temos um adversário, mas sim várias adversidades, como a pobreza, a miséria no Brasil e a desigualdade, esses são os nossos adversários, somos uma organização que tenta politizar mais a sociedade, ajudar a sociedade a compreender o que está acontecendo nesse recorte político, que está acontecendo no Brasil.

Fernando Silva: Nós não temos adversários. É debate de luta que é feito, um debate de classe, então nós não temos adversário. A gente não usa essa palavra adversário. A sempre vai estar lutando do lado de quem é menos favorecido. Não tem um adversário específico tirar o direito do trabalhado, quiser excluir a mulher, quiser excluir os LGBTs nós sempre estaremos do lado dos menos favorecido. Nós não temos um adversário específico, nós temos é convicção que precisamos nos organizar para enfrentar uma sociedade tradicional, machista, que tenta resgatar a ditadura e retiradas de direitos.

Marciana batista: Esse capitalismo massacrante, sem dúvida, para mim é um adversário fortíssimo, onde eles se articulam para realmente acabar com os nossos direitos, tomando o nosso Brasil. A globo e a mídia são nossos adversários.

Ana Terra Conceição Batista: Eu acredito que sejam as forças reacionárias que estão na sociedade. Acredito que seja essa onda neofascista que surge nesse contexto do governo Temer que vem retirando vários direitos e deixando essa população ainda mais vulnerável.

Herberto de castro: Pergunta não respondida,

Jhonatam Barbosa: A frente Brasil Popular é um movimento que é formado por movimentos da esquerda, então a direita vai ser sempre o principal adversário, o golpe aconteceu por causa de pessoas da direita que se manifestaram, e tiraram a Dilma, porque o PMDB seria a melhor solução e a partir daí começou a dar problema, então eu vejo a direita como o nosso principal adversário.

Leonardo Rodrigues dos Santos: A resposta fácil seria, os setores conservadores, os partidos de direita, a gente é contra a direita. A resposta mais difícil seria como conversar com essas pessoas, que tem esse tipo de pensamento, muitas vezes estas pessoas estão dentro da periferia, mas a gente não pode considerar como adversários, mas são pessoas que a gente pode conscientizar, para ver que aquilo que eles estão dizendo não é bom para a nossa sociedade. Como conversar com essas pessoas que são alienadas, conscientizar, basicamente o nosso adversário é ideológico.

Paulo Rubem Nascimento Coem: O nosso principal adversário e o neo-liberalismo, nós somos contra o governo do Temer, fora Temer, temos uma posição contra todo projeto liberal hoje implantado nesse país. Que é nessa linha que tira direitos do povo, reprime a população no ponto de vista em suas manifestações, são homofóbicos, discriminatórios, tudo de ruim no ponto de vista das conquistas sociais, que nós tivemos durante esses 13 anos.

4. Quem são os participantes do movimento?

Adema Pereira Monteiro: A Frente Brasil Popular é um movimento muito aberto, mais de 80 movimentos nacionais acompanham a Frente, mas as pessoas também podem participar.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: São vários movimentos que fazem parte da Frente Brasil Popular tem o Mam, tem o Levante Popular da Juventude, tem o Movimento das Pessoas Atinjida por Barragem, tem a Consulta Popular, são vários movimentos sociais que se unem e formam a Frente Brasil Popular.

Herberto de Castro: As associações, tem pessoas aleatórias que se voltam para o movimento.

Jhonatam Barbosa: Vou mencionar algumas pessoas que eu conheço que eu sei que estão fazendo parte, a Adimar, o Breno, Donavam, eu. De outros movimentos tem o Valdo, a Bruna além de muitos companheiros, a Frente é composta por muitas pessoas.

Leonardo Rodrigues dos Santos: São 80 entidades que fazem parte. Quem são essas pessoas? São homens, mulheres, jovens, são pessoas que tem vida pública, são pessoas anônimas, são pessoas que estão dentro da periferia, são pessoas de classe média, crianças, senhores, é um grupo grande de pessoas que vem do povo, da sociedade brasileira. São pessoas que estão insatisfeitas. A frente é espaço aberto, é feito para o povo, quando as mães vêm para reunião tem que ter um espaço para as crianças. Tanto que é nacional.

Paulo Rubem Nascimento Coem: São movimentos sociais do campo e da cidade, partidos políticos, sindicatos, grupos de mulheres negras, portadores de deficiência, GLBT, movimento moradia, movimento sindical.

5. Como o movimento é organizado?

Adema Perreira Monteiro: Ele é organizado nacionalmente, realiza conferências nacionais e plenárias nacionais para as decisões mais importantes e tem coletivos nacionais, estaduais, municipais e locais de coordenação.

Bruna Cecília Carvalho Nascimento: Atualmente estamos nos organizando por comitês, a gente tem comitês em cada município, porque o nosso próximo objetivo agora é fazer um congresso nacional, só que esse congresso tem as suas categorias menores que é o congresso estadual e o municipal, então pra gente ter essa grande organização do congresso nacional do povo, nos organizamos por comitês em bairros e a partir dos comitês em bairros fazemos o congresso municipal e a partir desses congressos se faz o congresso estadual e assim por diante pra construir o congresso nacional do povo.

Fernando Silva: Uma coordenação mista (sindicatos, partidos de esquerda, movimentos sociais) que tem representatividade por todos que estão fazendo parte do Frente Brasil Popular. Partidos de esquerdas que fazem parte (Pcdb, Psol, PT, PDT, PSB). A Frente Brasil Popular tem uma coordenação nacional, regional e local que fica responsável pelas ações do Estado do Pará. Cada Estado tem uma organização. Essas coordenações são convocadas para se reunir em sindicatos, associações, em centros comunitários, em praça. A ideia não é construir um patrimônio físico e sim construir lutas, articulações ações.

Marciana Batista: Movimentos Populares que fazem parte (Movimento Sindicais, CUT, Federação dos trabalhadores na agricultura).

Ana Terra Conceição Batista: O movimento foi organizado de maneira bem orgânica, bem horizontal em que foram chamadas várias pessoas que estavam interessadas no movimento e em participar dessa brigada. Essa brigada tem como objetivo propagar a ideia de Lula Livre e em defesa da democracia. O que eu percebi é que haviam vários jovens que foram chamados para

fazer parte dessa brigada em Belém.

Herberto de castro: a gente tem as nossas brigadas. Pessoal da juventude que faz ações mais concretas, vai para rua, faz cartas.

Jhonatam Barbosa: O movimento é organizado por meio das formações políticas que a gente faz constantemente, e a partir dessas formações é que fazemos planejamento do que vai ser feito em relação do que precisa, então tudo surge da base dentro de uma formação política que fazemos.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Tem as reuniões gerais, tem reuniões fechadas, abertas, bairros, municípios. Eu participo da construção do comitê popular em Ananideua, eu participo daquelas reuniões de lá, a gente está em processo de criação de brigadas. E basicamente a gente se organiza a partir de representantes dos movimentos e dos partidos que vão definir as ações. A partir dessas reuniões e dessas ações a gente vai para rua.

Paulo Rubem Nascimento Coem: O movimento se organiza como o próprio nome diz, é uma frente que tem uma direção que se organiza através de plenárias, tem um colegiado e uma direção e é dessa forma.

6. Quais as formas de luta do movimento?

Adema Pereira Monteiro: Todas as possíveis, o movimento é muito dinâmico, luta em atos gerais e mobilizações, faz seminários de acordo com as necessidades reais, campanhas, disputas de narrativas nas redes sociais, campanhas gerais. A gente faz plenárias nos bairros pra realmente estar conscientizando mais a sociedade, dando uma visão mais política para eles, para que o povo possa estar enxergando as coisas, e estar construindo esse movimento político nos bairros fortalecendo as massas. Também organizamos atos, plenárias. Nesta semana estamos organizando a Semana Univessitária que é uma grande junção de todos movimentos sociais.

Fernando Silva: As lutas são diversificadas: luta pela segurança, luta pela violência doméstica, luta contra a volta da ditadura, luta pelo direito da criança e do adolescente até o golpe que foi dado em cima da nossa presidenta Dilma. **Ana Terra Conceição Batista:** acredito que a formação política seja uma forma de luta, o diálogo também uma forma de luta em que eles estão bem inseridos e desenvolvidos, acredito que conhecer as demandas de lutas da população.

Herberto de castro: Depende das pessoas e dos movimentos que estão inseridos dentro da Frente,

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

porque cada movimento tem um método diferente, prática e experiência diferente, é tudo uma construção de conjunto.

Jhonatam Barbosa: O Principal motivo de luta é o povo na rua, porém a gente sabe que isso não é tão simples, pra gente estar na rua reivindicando alguma coisa a gente precisa primeiro estudar o que está acontecendo, para isso a gente faz as formações políticas e a partir daí então vai pra rua fazer nossos protestos.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Tema brigada de agitação e propaganda é para falar o que está acontecendo, ir para uma feira e falar o que está acontecendo, o que seria uma estratégia de luta. As outras estratégias, envolvem desde informações políticas, roda de conversa, seminários, como por exemplo: a semana universitária na UFPA, partidos políticos, movimentos sociais, é uma ação que também a Frente Brasil Popular está lá, basicamente temos várias formas de ações simultaneamente no Brasil inteiro e a Frente faz parte.

Paulo Rubem Nascimento Coem: As formas de luta são bandeiras que nós definimos no ponto de vista da nossa organização, que faz passeatas, faz seminários, protestos, trancar a, queimar pneu, tudo que é direito dos movimentos sociais e dos trabalhadores, lutar e reivindicar, tudo agente faz.

7. Nas suas ações, como caracteriza-se o movimento (várias respostas)?

Adema Pereira Monteiro: Ele tem identidade própria, tem bandeira, tem log, tem manifesto de fundação da Frente, tem que fundamenta todas as suas lutas que é o manifesto que coloca a a necessidade de realizar reformas estruturais no Brasil.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Eu sou do movimento Levante Popular da Juventude, um dos movimentos que faz parte da Frente Brasil Popular, a minha forma de militância é indo às plenárias, estar construindo comitês nos bairros para uma organização nacional, somos uma ramificação da Frente Brasil Popular. Também vamos pra rua com camisas, bandeiras subindo pra falar no palanque falando as pautas do que vai ser feito. Sempre que vamos pra rua é com um intuito político, e sempre organizado.

Fabiano Silva: Ao meu ver se caracteriza de uma forma organizada, antecipadamente elas são debatidas/deliberadas através de reuniões sempre na defesa da democracia, na defesa de direitos

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

e na ampliação desses diretos.

Marciana Santos: Vários movimentos se reúnem em suas organizações/instituições e depois a gente faz a plenária para tomar decisões e cumprir as ações. As mulheres têm o fórum de discussão, os negros têm seus fóruns de discussão, LGBT tem seus fóruns de discussão, os sindicatos têm seus fóruns de discussão, os movimentos populares também têm seus fóruns de discussão. Esses movimentos se reúnem em suas organizações e depois a Frente unifica essas ações numa plenária maior.

Ana Terra Conceição Batista: a brigada é uma das nossas ações, a formação política, indo principalmente para os bairros periféricos, atuando em feiras falando com a população diretamente.

Herberto de castro: Depende de quais ações, que tipos de ações, se é um ação de formação, a gente faz roda de conversa no geral.

Jhonatam Barbosa: Eu faço parte do movimento Hip Hop é um movimento que trabalho diferente dos movimentos sociais mas também não deixa de lutar por causas, uma forma que eu me caracterizo e por meio da arte com o rep. O movimento Frente Brasil Popular se caracteriza da seguinte forma, reunindo vários elementos para construir algo em cima desses movimentos a fim de atingir um objetivo.

Leonardo Rodrigues dos Santos: A gente tem nossa identidade, a gente tem a nossa bandeira que é a bandeira da Frente Brasil Popular, nós carregamos as outras identidades que fazem parte. A gente se caracteriza pelas nossas ações nos atos políticos, nas nossas atividades e a conversa com o povo.

Paulo Rubem Nascimento Coem: Somos um movimento de luta, de debate, de formação, de protesto.

- 8. Nas suas ações, como o movimento caracteriza os seus adversários (várias respostas)?**

Adema Pereira Monteiro: De golpista, é o termo mais adequado para enfatizar o aspecto do golpe que constantemente a Rede Globo que é uma das golpistas que faz o serviço de esconder a realidade das pessoas.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: O nosso grande adversário é a desigualdade, às vezes é o desfavor das nossas pautas, a gente milita muito, a gente se organiza e vamos pra rua mas percebemos que as mídias não ajudam muito a gente construir essas pautas e reivindicações pois ao mesmo tempo que estamos nas ruas estamos organizando plenárias e comitês, estamos em reuniões planejando algum programa. As mídias estão o contrário sempre estão contrapondo tudo, por isso que somos vistos com outros olhos, não com os quais nós gostaríamos.

Fabiano Santos: A concepção da direita tem um pensamento diferente. Defende a privatização, é de beneficiar banqueiros, fazendeiros, grandes latifundiários. E a nossa concepção de esquerda é a luta pela igualdade de renda, a agricultura família, dividir os direitos com trabalhadores, luta por uma aposentadoria justa. O patrão da direita quer sempre sugar o trabalhador. Nós entendemos que o trabalhador tem que contribuir com o sucesso da empresa, mas ele tem que gozar de direito de uma aposentadoria justa. Porque não é justo o trabalhador passar mais de 35 anos trabalhando e quando se aposentar gastar mais de 60 por cento com remédios por causas das doenças que foram adquiridas ao longo do trabalho. Nós queremos sim que uma pessoa possa se aposentar e ele possa aproveitar uma vida de aposentadoria. Então são visões diferente. Hoje com a direita se você não tem condições de trabalho a direita vai te descartar e contratar outro. Nós da esquerda entendemos que é de responsabilidade do empregador a saúde desse empregado. O trabalhador tem que desenvolver as atividades dele, mas o empregador tem que propor condições de trabalho.

Ana Terra Conceição Batista: o nosso inimigo é todo um discurso que não agrega, mas que separa, que tira os direitos sociais.

Herberto de castro: Golpistas, são pessoas que não respeitaram a democracia, não respeitaram as opiniões dos outros.

Jhonatam Barbosa: Os nosso advessarios são aquelas pessoas que querem sempre derrubar uma ideia uma ideologia, então se caracteriza de varias formas por meio da midia, das ruas até mesmo convessando com uma pessoa percebemos que não se enquadra nos paramitos que ela acredita,

ela não esculta o que temos pra falar.

Leonardo Rodrigues dos Santos: pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: No ponto de vista ideológico, são inimigos da classe trabalhadora, são inimigos de qualquer tipo de avanço social, são inimigos todos de um ponto de vista de um país democrático popular.

9. Quais foram as ações mais recentes do movimento?

Adema Pereira Monteiro: O Congresso do povo é um grade multirão de trabalho de base para ir até onde o povo está, conversar sobre os problemas, quem provoca esses problemas e que soluções pode-se construir a partir do povo para resolver ou enfrentar estes problemas.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Uma delas é a semana universitária, e as mais recentes foi as criações dos comitês em bairros.

Fabiano Santos: LULA LIVRE não é a única ação mais recente do movimento, mas eu diria que hoje ela tem sido mais intensificada, porque agente acredita que se o Lula for livre da cadeia e voltar a ser presidente, muitos dos nossos direitos que foram tirados durante esse governo golpista (governo Temer) serão resgatados e muitos serão ampliados. O Lula Livre, portanto, é a nossa ação mais recente, mas isso ação significa que nós abandonados as outras lutas. Todas as lutas estão em processos e são paralelas.

Marciana Batista: O Lula foi um dos melhores presidentes desse país tanto que ele sempre está nas primeiras pesquisas. O povo tem consciência e memória, por isso está dando mais essa oportunidade de ele ser candidato.

Ana Terra Conceição Batista: a brigada está na rua, mas eu não participei nessa semana da brigada. A brigada de propaganda que acontece no Gabinete do Paulo Rocha onde se reúnem vários jovens de vários movimentos. Todos os dias da semana acontece atividades, atividades para sair nas ruas pela parte da tarde.

Herberto de castro: Golpistas, são pessoas que não respeitaram a democracia, não respeitaram as opiniões dos outros.

Jhonatam Barbosa: Como eu falei sou recente no movimento frente Brasil popular, e esse é um dos primeiros espaços que eu estou participando que é a semana universitária.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: As ações que temos feito são ações Lula livre, a nível nacional estamos fazendo todo um debate sobre as cidades democráticas no país inteiro, estamos fazendo debate sobre a questão da greve dos caminhoneiros, essas são as mais recentes dessa semana.

10. Quais os aliados do movimento em suas ações?

Adema Pereira Monteiro: como o movimento não é restrito, mas um composição, eu posso dizer que o grande aliado é a sociedade brasileira como um todo.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Os nossos aliados, é a própria Universidade e os professores que sempre convidamos pra participar dos nossos eventos e sempre estão presente porisso são grandes aliados.

Fabiano Silva: Os aliados são todos aqueles que são contra a retirada de direitos. Qualquer pessoa que seja contra a retirada de direitos é nosso aliado, direta ou indiretamente.

Marciana Batista: Eu entendo que nós temos a luta de classes. Nós temos a concentração de renda e a classe dos trabalhadores que está cada vez mais perdendo seus direitos. Para mim existe esse confronto entre o capitalista e a classe trabalhadora. A partir do momento que a classe trabalhadora passa a ter consciência disso, a gente vai se fortalecendo. Aí entra a questão de renda, a exclusão social dos negros, das mulheres, dos LGBT. Para é forte essa luta de classes. São duas classes diferentes.

Ana Terra Conceição Batista: eu gostaria de dizer a população brasileira é a minha aliada, os movimentos sociais, existem os movimentos de bairros que estão abertas

Herberto de castro: A gente engloba muito coisa, os nossos aliados já fazem parte da Frente Brasil popular, classe trabalhadora, universidades.

Jhonatam Barbosa: A juventude é um dos aliados, movimentos sociais, e outras constituições também que pauta a questão da luta.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: Os aliados são todos aqueles que defendem e lutam pela democracia, são parlamentares, seja nos municípios, deputados estaduais, deputados federais, senadores, o povo, organizado, não organizado, as universidades pública e privada, todos aqueles que pensam e querem construir um Brasil melhor

11. Quais as principais conquistas do movimento?

Adema Pereira Monteiro: Ter retirado a reforma da previdência de pauta, é uma conquista de toda a esquerda.

Bruna Sercilia Carvalho Nascimento: Eu atualmente estudo na Universidade mas estudei em escola pública, no bairro onde moro. No ano passado eu fiquei 6 meses sem aula porque a escola necessitava de uma reforma e através do comitê a gente conseguiu que a nossa escola fosse reformada e além disso conseguir que continuássemos a estudar alugando um prédio, e com a ajuda da Frente Brasil Popular isso foi possível.

Fabiano Silva: A Frente tem 3 anos, mas a nossa luta, a nossa história vem acontecendo a décadas, né?

Marciana Batista: é preciso o olhar o processo histórico.

Ana Terra Conceição Batista: A Brigada sai e se propõe a conversar e muitas pessoas estão dispostas a conhecer, a debater.

Herberto de castro: própria conscientização das pessoas, construir este processo de resistência.

Jhonatam Barbosa: O fato de conseguir reunir as pessoas hoje pra essa Semana Universitária, já passa a ser uma conquista certo, porém, apesar disso conquistar é uma palavra que eu acho que ainda não podemos mencionar porque a gente está no processo de acabar com certas coisas que vem acontecendo, então conquista eu acho que ainda não conseguimos, mas estamos caminhando

para isso.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: Primeiro colocar no Brasil uma nova perspectiva de pensamento, de ideias, que se contrapõem ao projeto neo-liberal.

12. Houve derrotas (explicação)?

Adema Pereira Monteiro: Muitas, a gente está vivendo um momento de golpe no nosso país e o golpe está cada vez mais se aprofundado, sucessivas derrotas, cada direito retirado do trabalhador é uma derrota.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Eu não encaro como derrotas, mas sim como aprendizado diário. Como todo militante temos muita repressão tanto dentro de casa como na rua, a gente tenta construir espaços mas às vezes não consegue, as pessoas não participam das reuniões nos comitês, então eu acho que não é uma derrota, mas sim um aprendizado diário. Se não deu certo desse método, vamos pensar em um novo para que as pessoas se sintam mais confortáveis com o movimento e fazer com que elas se desprendam de todo preconceito.

Fabiano Silva: não respondida

Marciana Batista: não respondida

Ana Terra Conceição Batista: Acho que existem mais desafios: lugares em que não conseguimos entrar, pessoas que não estão abertas a esse diálogo. A gente encontra muitas pessoas que não quer conversar. Eu não vejo isso como uma derrota. Eu vejo isso como um desafio.

Herberto de castro: Houve, a prisão do LULA. Nós surgimos depois do inpetma da Dilma.

Jhonatam Barbosa: Às vezes, quando a gente não consegue abranger o público que agente queria. Mas o motivo do movimento existir é por causa das coisas que vem acontecendo, o que não deixa de ser uma derrota, porisso que sempre estamos nos levantando o tempo todo.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: A partir do golpe temos sofrido algumas derrotas que independente disto não nos faz abaixar a cabeça, é justamente dentro da derrota que a gente ganha mais força para lutar e mudar esse país. Considero também derrota o Temer assumir o governo, a retirada de direitos em diversos aspectos e em vários campos, seja da saúde, educação, da mobilidade urbana, da questão do acesso à terra, na questão ambiental, tudo isso pra gente é derrota que esse governo esta implementando, que temos que combater todos juntos.

13. Pode-se imaginar um encerramento das atividades no caso de ter alcançado os seus objetivos?

Adema Pereira Monteiro: o objetivo da Frente Brasil Popular não é uma reivindicação específica, lutamos por moradia ou lutamos po..... As nossas pautas são grandiosas, são reformas estruturais e restabelecimento da democracia, isso vai levar muito tempo para se conseguir reverter. Um olhar com esse objetivo pode se encerrar, pode! Porque as pessoas podem deixar de acreditar, e não ter mais gente que se desponha a lutar.

Jamais, eu acho que a Frente Brasil Popular é pra estar eternizada pra sempre, porque o aprendizado é constante desconstruir os preconceitos que tem na sociedade, fazer com que a desigualdade diminua, polítizar a sociedade, isso não tem uma previsão para parar um dia, eu acho que é constantemente.

Fabiano Silva: Enquanto houver desigualdade de renda, nós estaremos lutando a favor dos trabalhadores. As necessidades sempre vão estar eminentes.

Marciana Batista: não respondida

Ana Terra Conceição Batista: eu acho que a luta não começa e não termina com as mulheres, os LGBT. A luta é para a vida inteira.

Herberto de castro: Não

Jhonatam Barbosa: Eu acho que encerrar não, não é porque a pessoa consegue o seu objetivo que vai acabar, o nosso objetivo tem que continuar até porque a gente constroi uma casa mais precisa por os móveis dentro, então sempre vamos estar precisando dessa continuação.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: Primeiro que nossos objetivos são grandes, então o futuro dirar conforme as conquistas, conforme os avanços é possível mas como é uma frente, ela não tem prazo de validade. Vai depender muito do contexto que nós podemos estar vivenciando em determinado momento, a nossa pretensão no momento e que dure por vários anos para que agente trabalhe a consciência dos trabalhadores, das trabalhadoras, da sociedade civil como um todo, no ponto de vista de conquistar os nossos objetivos.

14. Quais os maiores desafios do movimento na atualidade?

Adema Pereira Monteiro: Contra a mídia.

Bruna Cecilia Carvalho Nascimento: Eu acho que são as mídias, porque Face Book, Tv, são os principais meios de propagação de fakenews.

Fabiano Silva: O atual governo é um grande desafio (governo Temer). A Greve dos Caminhoneiros.

Marciana Batista: A luta pela defesa da Democracia é dos grandes desafios, porque fui difícil conquistar a democracia nesse país.

Ana Terra Conceição Batista: os desafios financeiros, por exemplo a brigada funciona comdoações. Dificuldade orçamentária, porque não existe um valor fixo em dinheiro, dificuldades de pessoas que queiram engajar e que permaneçam engajadas, pois sempre existem momentos que a gente fica chateado.

Herberto de castro: libertação do Lula, construção de uma consciência socialista, colocar os nossos ideais para frente, uma nova cultura política, mudar as nossas estruturas sociais.

Jhonatam Barbosa: Eu posso dizer que o maior desafio é vencer o nosso adiversário. E os

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

trabalhos de base se tornam grandes desafios pois a gente vive em uma sociedade que é bem diversa, o que não deixa de ser um desafio porque não conseguimos ter uma comunicação com a juventude, uma pessoa que mora na periferia temos que conversar com ela de uma outra forma.

Leonardo Rodrigues dos Santos: Pergunta não respondida.

Paulo Rubem Nascimento Coem: O maior desafio é enfrentar os grandes meios de comunicação, então é um grande desafio no ponto de vista de você combater o projeto neo-liberal que tem o poder de fogo principalmente de comunicação, um projeto que tá aí, que infelizmente não é só nacional é um projeto principalmente internacional com poderio americano de influencia de poder de recursos, mas para todos aqueles que acreditam na luta, na organização e na transformação não a limites, ou desafio que agente não consiga superar.

AÇÃO COLETIVA DOIS

RELATÓRIO: MOVIMENTOS SOCIAIS – MBL

Ana Lúcia Maués de Menezes
Camila Lorena Gonçalves
Elcione da Silva e Silva
Gabriela Galvão Braga Furtado
Juliana Dias Campos

O presente relatório apresenta os resultados da pesquisa realizada sobre o Movimento Brasil Livre (MBL). Este movimento tem relevância no meio político brasileiro e uma densa capacidade de mobilização. O procedimento da pesquisa foi por meio de entrevistas com integrantes do MBL Pará. Inicialmente, entramos em contato com o movimento via rede social através das páginas do Facebook (MBL Pará e MBL Belém), no qual o fundador e a atual coordenadora do MBL Pará responderam e se disponibilizaram a realizar entrevistas. Pelo auxílio deles, conseguimos entrar em contato com mais três integrantes, contudo, só tivemos resposta de uma pessoa, ao todo, entramos em contato com cinco membros do Movimento Brasil Livre, sendo que apenas três se disponibilizaram em conceder as entrevistas.

Os resultados nos permitiram compreender a partir da ótica das Ciências Sociais como o MBL se organiza, as suas iniciativas, adversários, aliados, reivindicação, ações, formas de lutas, conquistas e derrotas.

Histórico

Foi criado em novembro de 2014, por cinco jovens críticos ao governo da então presidente Dilma Rousseff (PT) – que havia sido reeleita semanas antes, e no topo das prioridades anunciadas pelo movimento estava o combate à corrupção (FLORES, 2018). Os ativistas do grupo chamaram a atenção pela sua juventude e por terem abraçado a correção na política como alvo.

“O grupo ganhou projeção nacional ao ajudar a organizar protestos com a participação de milhares de pessoas, junto com outros grupos antipetistas, como o Vem Pra Rua e o Revoltados On-Line. Entre março de 2015 e agosto de 2016, o número de pessoas que aderiram às manifestações engrossadas pelo MBL chegou à casa do milhão” (FLORES, 2018).

Figura 1 - Fundadores do MBL



Fonte: EL PAÍS (2016)

Segundo Juliano Torres, diretor executivo do movimento Estudantes Pela Liberdade (EPL), braço brasileiro da Students for Liberty norte-americana, conta que o MBL começou como uma marca, não uma organização, para que o EPL - Students for Liberty - pudesse participar dos protestos de 2013, driblando a receita norte-americana.

Segundo Torres, quando acabaram os protestos, o MBL contava com mais de 10 mil likes no Facebook. “Aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir (...) E aí a gente encontrou o Kim Kataguri e o Renan Hass, que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo”. Ele conta, também, que boa parte dos organizadores locais são membros do EPL que “atuam como integrantes do MBL, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança” (AGÊNCIA PÚBLICA, 2015). Os fundadores são Renan e Alexandre Santos (irmãos), Kim Kataguri, Frederico Rahu, Gabriel Calamari eram os nomes por trás do movimento que conquistou apoio de milhões de pessoas e pressionou políticos a votarem pelo impeachment de Dilma no Congresso. (CARTA MAIOR, 2016)

Além da mobilização por pautas conjunturais – contra o governo do PT e a favor da Lava Jato –, o MBL defende uma agenda liberal na economia, com menos participação do Estado, e conservadora nos costumes, como no combate a políticas de cotas raciais e a pautas do movimento LGBT.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

As controvérsias e incoerências dos líderes e criadores do MBL acompanham o crescimento do movimento, que nasceu com o objetivo de mobilizar as ruas a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), de pregar o liberalismo econômico e exigir o combate à corrupção. Com relação a este último ponto, eles ainda concentram seus ataques, de forma obsessiva, ao PT e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que é acusado de corrupção em vários processos e já foi condenado em um deles.

Figura 2 - Ato pró-impeachment



Fonte: Uol (2016)

Falam pouco, contudo, de políticos como o senador Aécio Neves (PSDB) e o presidente Michel Temer (PMDB), ainda que o primeiro tenha sido gravado pedindo dinheiro a Joesley Bastista, da JBS, e o segundo tenha sido alvo de duas denúncias por corrupção e organização criminosa da Procuradoria-Geral da República. "O MBL se articula em torno de alguns temas, mas os principais são ainda o antipetismo e a defesa das propostas liberais do governo.

Isso explica o alinhamento com o PMDB e o PSDB, explica Fábio Malini, professor da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenador do Laboratório de estudos sobre Internet e Cultura (LABIC). (EL PAÍS, 2017).

A artilharia contra a esquerda e qualquer tese defendida por grupos que eles vinculam a ela é o que mais se destaca em suas páginas. Só a do Facebook soma 2,5 milhões de curtidas. Mas de um tempo para cá o MBL vem se apropriando de pautas ultraconservadoras em diversos campos, firmando-se como porta-voz e tropa de choque desses setores.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Com forte discurso punitivista, seus membros defendem, por exemplo, a redução da maioria penal e o fim do estatuto do desarmamento. Se antes se recusavam a comentar temas morais ou comportamentais, hoje participam ativamente da chamada “guerra cultural”. Pregam contra o aborto, o feminismo, a “ideologia de gênero” e o “politicamente correto”. Não raro dizem que negros, homossexuais e mulheres têm discursos “vitimistas” e “infantis”.

O “livre” que carrega em seu nome também se contradiz com uma das pautas preferidas do grupo: a Escola Sem Partido, que prega o que eles chamam de “o fim da doutrinação” nas escolas. O Ministério Público Federal já alertou sobre a inconstitucionalidade do projeto, enquanto que especialistas argumentam que, na prática, ele atenta contra a liberdade do professor na sala de aula.

O leque de assuntos varia de acordo com o que grupos liberais e conservadores começam a defender de forma desorganizada nas redes.

Para Malini, o MBL segue a tendência das redes e “como a internet vive da atualização contínua dos fatos”, está forçado a também mudar constantemente. “A pauta do impeachment cessou depois de 2016, forçando o movimento a buscar novas agendas. Como o MBL se comporta como partido, tendo inclusive lançado um processo de filiação a partir de 2016 e candidatos a vereador, ele precisa ganhar institucionalidade com as agendas”, explica Malini. “E as agendas que têm mais popularidade estão no campo do comportamento, mais à direita do próprio MBL, o que acabou forçando um movimento de direita moderada a migrar para um populismo conservador”, acrescenta (EL PAÍS, 2017).

O movimento também apresenta ao vivo o MBL news em seu canal de Youtube, onde seus membros leem, comentam e fazem piadas dos acontecimentos diários. No mesmo canal publicam vídeos curtos, que contam com milhares de visualizações, nos quais explicam e opinam sobre determinados temas. Geralmente lançam mão de informações e dados sem mencionar a fonte.

O movimento nega que tenha mudado sua agenda de reivindicações e assegura que se mantém “coerente na defesa de suas bandeiras, elogiando ou criticando as mesmas posturas ou políticas públicas desde 2014”. O perfil do MBL no Facebook é a página de direita que mais cresce e a que mais interage com usuários, segundo a ferramenta de monitoramento Crowdtangle e um levantamento feito pela escola de Comunicação Digital e PoliticSchool.

Quando surgiram, no final de 2014, os ativistas do grupo chamaram a atenção pela sua juventude

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

e diziam-se, então, apartidários. Durante um ato pelo impeachment na avenida Paulista, em abril de 2015, chegaram a expulsar do palco o pastor Everaldo, que foi candidato à presidência pelo PSC no ano anterior, por causa do “partidarismo” do pastor. “Nós não permitimos que políticos subam no palanque”, disse na ocasião Rubens Nunes Filho, do MBL. “Nós o cumprimentamos, mas pedimos para que se retirasse por conta do nosso apartidarismo”, afirmou, à revista *Época*.

Recentemente, fizeram as pazes com a representação por partidos. Alguns de seus membros estão filiados a legendas políticas e até se elegeram vereador – o caso mais conhecido é o de Fernando Holiday, coordenador nacional do movimento que foi eleito em São Paulo pelo DEM. Outros ocupam cargos em câmaras municipais e prefeituras de cidades como Porto Alegre, Goiânia, Caxias do Sul (RS) e São José dos Campos (SP).

O grupo também ensaia se unir a parlamentares do PSDB para as eleições de 2018. E se, no passado, não deixavam que políticos subissem no carro de som do MBL, hoje, são eles os que sobem no palanque de olho na eleição de um possível candidato: João Doria (PSDB), atual prefeito de São Paulo.

O prefeito não esconde sua proximidade com o grupo. Alguns integrantes do MBL já conquistaram cargos na administração municipal. Paloma Oliva, 22 anos, e Cauê Del Valle, 23, são funcionários da prefeitura regional de Pinheiros, comandada por Paulo Mathias – que foi presidente da juventude PSDB e, neste ano, ingressou no MBL. Já na Prefeitura regional da Sé está Eric Balbinus, que também é editor do site *O Reacionário*, muito compartilhado na página do MBL no Facebook.

O mais recente escracho nas redes ocorreu, contra o jornalista Artur Rodrigues, da Folha de São Paulo. Ele publicou uma reportagem na qual informava que a prefeitura regional de Pinheiros havia contratado o ativista Cauê del Valle – que antes era assessor parlamentar de Holiday – logo após apagar uma pichação no muro da casa de Doria.

O MBL chegou a postar nas redes uma foto de Rodrigues na qual ele aparece em frente a uma estante livros. O grupo destacou uma biografia do guerrilheiro Carlos Marighella em sua estante, sugerindo que o profissional estava vinculado à “extrema-esquerda”. “O MBL atua como escudo do Doria. Quando ele é criticado ou atacado, o movimento com frequência revida. No lugar de discutir o tema, ele busca o calcanhar de Aquiles de seus adversários e ataca”, explica Malini. Em certas ocasiões, Doria e o MBL agem de forma paralela. Como Donald Trump nos Estados Unidos, costumam taxar as reportagens com as quais não concordam de fake news. “Esta

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

estratégia de revide, de escracho, de silenciamento, é muito própria da internet. E o MBL se especializou nisso”, acrescenta o especialista.

Rodrigues já havia sido alvo desta mesma estratégia de intimidação em julho deste ano, quando publicou uma reportagem na qual dizia que as doações de empresas privadas para a Prefeitura de São Paulo não estavam sendo efetivadas. No mesmo dia, tanto o prefeito como o movimento reagiram de maneira ostensiva e utilizaram estratégias parecidas contra o repórter que assinou o texto. Enquanto o MBL atacava o jornalista em suas redes e no site Jornalivre, o prefeito publicava um vídeo no qual também expunha o autor da matéria, chegando inclusive a marcar a página pessoal do repórter no Facebook.

O principal deles é o já mencionado Jornalivre, uma espécie de porta-voz do MBL. Quando a jornalista Camila Olivo, da rádio CBN, noticiou que moradores em situação de rua da praça da Sé, em São Paulo, foram acordados com jatos d’água por funcionários da prefeitura que limpavam o local, este site escreveu o seguinte sobre a profissional: “Assim como outros jornalistas da grande mídia, Camila faz parte da classe dos extremistas de esquerda que simulam isenção, evitando se associar ao petismo e outras variantes do pensamento socialista”. Este texto serviu de base para que, depois, Doria falasse que a jornalista tinha um “passado ideologicamente comprometido com o PT”.

A relação do MBL com o site – que está registrado fora do Brasil – não está clara e o grupo se limita a dizer que tem uma relação “amigável” com ele. A reportagem fez um levantamento utilizando a ferramenta Crowdtangle, de monitoramento de páginas do Facebook, e verificou que, entre os dias 16 de junho a 17 de setembro deste ano, o movimento publicou em sua página oficial 4977 posts. Um total de 2.321 posts, quase a metade, são links para os textos do Jornalivre.

O Facebook tirou do ar a página Ceticismo Político, que distribui versões distorcidas de notícias. Recentemente, a página se notabilizou por promover, em tom de apoio, afirmações infundadas de uma desembargadora que associou a vereadora assassinada Marielle Franco ao tráfico de drogas. Posteriormente, a magistrada disse que se precipitou ao falar sobre o assunto. Sendo que, o Movimento político MBL, possui relação com sites (Jornalivre e Ceticismo Político) que propagaram boatos sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco. E um programa de controle das “fake news” (notícias falsas), lançado pelo Facebook no Brasil, provocou reações enfiadas de grupos de extrema direita, que acusam a rede social de praticar “censura” e de propagar ideias “esquerdistas”. Os principais dirigentes do MBL se envolveram na campanha para denunciar uma

conspiração esquerdista com o intuito.

Metodologia

A pesquisa foi feita com três membros no Movimento Brasil Livre que atuam diretamente na organização desde o processo de fundação do movimento no Pará. Devido a característica do trabalho, não foi necessário buscar dados quantitativos, mas sim, interpretações individuais que auxiliassem na compreensão do movimento. Desta forma, optamos por entrevistas individuais aplicados por meio de um roteiro de perguntas produzido pelo professor Heribert Schmitz da disciplina de Tópicos Temáticos em Sociologia – Movimentos Sociais no campo e na cidade, gravados em áudios e transcritos para compor a análise do conteúdo, apenas uma entrevista foi realizada por meio de anotações enquanto o entrevistado falava.

Segue abaixo os dados das entrevistas.

Entrevista 1:

Nome: Ericson Costa Poltronieri

Data: 06/06/2018

Local: Edifício Residencial Angelina Maiorana

Entrevista 2:

Nome: Juliana Pereira Pena Data:

06/06/2018

Local: Edifício Residencial Angelina Maiorana

Entrevista 3:

Nome: Maria de Nazaré Baía Brito Lemos Data:

14/06/2018

Local: Shopping Metr pole/Praça de alimenta o

Resultados

Por meios dos dados das três entrevistas realizadas compreendermos que, o Movimento Brasil

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Livre foi fundado em novembro de 2014 em São Paulo, logo após a eleição da então presidente Dilma Rousseff. A primeira manifestação pública aconteceu em defesa da revista Veja, a favor da liberdade de expressão, devido a depredação por Black Bloc, pois publicaram uma notícia afirmando que, “o *doleiro* Alberto Yousseff, caixa do esquema de corrupção na Petrobras, revelou à Polícia Federal e ao Ministério Público, na terça-feira passada, que Lula e Dilma Rousseff tinham conhecimento das tenebrosas transações na estatal” (VEJA, 2014). No Pará fundação ocorreu em 2015, por causa da motivação nacional que havia na época, e iniciou com os integrantes Alan, Augusto e Ericson, em que, entraram em contato com um representante do movimento no âmbito nacional, para fundar o MBL no Pará

As motivações iniciais para que o movimento viesse a se consolidar foi a reivindicação por ideias liberais clássicas, no sentido de estado mínimo e cidadão máximo e proteção à vida. Segundo o documento disponibilizado no site do MBL em que o mesmo foi produzido no Primeiro Congresso Nacional do movimento realizado em novembro de 2015, as propostas oficiais estão relacionadas a educação, saúde, sustentabilidade, reforma política, economia, justiça e transporte e urbanismo, como, a aprovação da Lei “Escola sem Partido”; a adoção de um sistema de saúde similar ao alemão em substituição ao SUS; a substituição de lâmpadas convencionais por lâmpadas de LED; o fim do voto obrigatório e renovação da Lei Rouanet, privatizar os presídios e suspender o salário de parlamentares presos, etc.

Os entrevistados destacam que os principais adversários do movimento, são os próprios integrantes, no sentido de diversidades de opiniões, o governo, o Partido dos Trabalhadores (PT) até as eleições de 2016, e após eleições qualquer pessoa pode ser adversário do movimento, como outros movimentos sociais que são contra as propostas.

O MBL é caracterizado por pessoas adultas na faixa etária de 30, 40 e 50 anos em quase todos os estados, principalmente Belém, apenas na coordenação nacional que tem uma representatividade jovem como o Kim Kataguiri e o Holiday, que são os nomes que estão por trás da fundação do MBL. Alguns integrantes também se identificam com o conservadorismo, porém, o movimento se define de forma diversa, incluindo ateus, materialistas, LGBT, etc. O movimento a princípio, surgiu como um movimento apartidário, porém, hoje não mais possui essa característica, se identificando como pluripartidário.

A organização do movimento é realizada via redes sociais, no qual os membros entram em contato e combinam atos, flash mob, panfletagem. No estado do Pará, os coordenadores do

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

movimento, já organizaram programações para 2019 com o objetivo de levar palestras para vários municípios. Recentemente nos estados que tem o MBL, organizaram o 1ª Happy hour MBL com o propósito de reunir membros e simpatizantes para conversar sobre as propostas e se confraternizar.

Segundo os membros entrevistados a principal forma de luta acontece pelas redes sociais, com a divulgação das ideias liberais para aqueles que não tem condições e nem tempo de estudar o tema e também lançamento de candidaturas de políticos que defendam o projeto de interesse do movimento.

Nas ações realizadas eles se caracterizam como bem-humorados e com ideia inteligíveis e curtas, para que a população compreenda de forma clara suas propostas, desta forma, utilizam as notícias nas redes sociais, um meio muito usado pelo movimento. E os adversários são identificados pelo movimento como, adversários políticos.

As ações mais recentes do movimento tiveram relação com a prisão do Lula, no qual eles levaram um trio elétrico para a praça da Republica em Belém. E sempre contam com apoio de colaboradores que são, profissionais liberais e empresários e colaboradores intelectuais como, UFPA livre e movimento liberal paraense, também com auxilio de parlamentares de partidos do DEM, PSDB, PDT, PRB, e o NOVO.

As conquistas do MBL foram, o impeachment como o principal, teto dos gastos público, reforma trabalhista, revogação do desarmamento. Em relação as derrotas vista pelo movimento estão, reforma tributária da presidência a nível nacional, já a nível regional, o não avanço da privatização da Cosampa, eles também alegam que ainda não conseguiram realizar criticas de forma concreta ao governo estado do Pará devido a influência exercida pelo PSDB na população.

O movimento não pretende finalizar suas atividades, alegam que a sociedade está em constante mudança e sempre há novos anseios, e é preciso que haja uma organização e o MBL é o meio para estabelecer essa ordem. Destacam também que o Brasil vive um socialismo e que é preciso de auxilio do liberalismo clássico, sendo o principal objetivo do Movimento Brasil Livre para o Brasil.

Conclusão

A partir da análise das entrevistas e outras fontes de pesquisa, percebemos que o Movimento

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Brasil Livre atua principalmente nas redes sociais, quase não tendo uma representação ativa por meio de reuniões presenciais, mas sim algo virtual. Apesar da grande influência do movimento nas redes sociais, às suas pautas não são tão aceitas pela juventude, talvez porque não tenham tantas propostas ativistas, sendo caracterizada apenas pelas manifestações pró impeachment da Dilma e a prisão do Lula.

Ao levantarmos dados para a realização desta pesquisa, observamos que existem poucos trabalhos acadêmicos que tenham o Movimento Brasil Livre como objeto de estudo, focando apenas em reportagens de revistas e sites, e os próprios membros entrevistados destacaram que foi a primeira vez que foram procura-los para conceder entrevista para um universo acadêmico, principalmente da área das Ciências Humanas. Desta forma, assinalo a importância deste trabalho para futuras pesquisas, e para uma melhor compreensão do Movimento Brasil Livre. No dia 05 de julho de 2018, procedemos com apresentação dos resultados da pesquisa para o professor Heribert Shmitz e os demais discentes da disciplina de Tópicos Temáticos em Sociologia, na ocasião, foi feito um debate para melhor entendimento do MBL.

Figura 3 - Docente e discente no dia da apresentação dos resultados da pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Referências

AGENDA PÚBLICA. “A nova roupa da direita”. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>

BAND. “MBL recebeu dinheiro de partidos, mostram áudios”. 2016. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/politica/noticias/100000808183/gravacoes-revelam-que-mbl-recebeu-dinheiro-de-partidos.html>

CARTA MAIOR. “Movimento Brasil Livre (MBL), um engodo partidário. 2016. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editora/Politica/Movimento-Brasil-Livre-MBL-um-engodo-partidario/4/36209>

EL PAÍS. De liberais anticorrupção a guardiães da moral: a metamorfose do MBL. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/>

FLORES, PAULO. “MBL: do discurso anticorrupção à proximidade com as fake News”. In: Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexo.jornal.com.br/expresso/>

MBL. “Propostas do MBL”. 2015. Disponível em: <http://mbl.org.br/propostas/>

VEJA. “Eles sabiam de tudo”. 2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/capa-bomba-da-veja-dilma-e-lula-sabiam-de-tudo/amp/>

Anexo A – Entrevista 1

Nome do Movimento: Movimento Brasil Livre Nome

do entrevistado (completo): Ericson

Lugar: Edifício Residencial Angelina Maiorana

Data: 06/06/2018

Nome do entrevistador: Ana Lúcia Maués de Menezes, Camila Lorena Gonçalves e Elcione da Silva e Silva

O movimento surgiu em 2012 em São Paulo na contramão do movimento passe livre, o qual reivindicava a gratuidade na passagem de ônibus para estudantes. Alguns jovens em desacordo com ideia do movimento passe livre se movimentaram com um slogan: “não existe almoço

grátis”. Essa concepção é baseada na ideologia do liberalismo clássico. Os primeiros integrantes do movimento foram Renan Santos, Fabio, Alexandre P. e Alexandre S. Em 2014 ocorreu uma manifestação pela internet, tendo como insatisfação o governo de esquerda. Nas redes sociais, o movimento ganhou em um ano mais de um milhão de seguidores apoiadores da ideologia do movimento, os quais estavam inconformados com o governo da ex-presidente Dilma e por sua reeleição. De forma que, o movimento tinha como um dos objetivos denunciar os escândalos ocorridos no governo.

No Pará, o MBL iniciou com os integrantes Alan, Augusto e Ericson, que segundo o líder atual, entrou em contato com um representante do movimento no âmbito nacional, para fundar o MBL no Pará. No dia 15 de março ocorreu uma grande manifestação no Brasil pelo movimento Brasil Livre com 150 mil pessoas presentes. O MBL se diferencia na defesa do impeachment, segundo o líder do movimento, o adversário é o próprio governo. O movimento a princípio, surgiu como um movimento apartidário, porém, hoje não mais possui essa característica. Em relação ao público participante e apoiadores do movimento, os que tomam as ruas geralmente é um público adulto. Segundo o líder Ericson, o MBL tem necessitado de participação do grupo de jovens envolvidos.

No estado do Pará, existem vários coordenadores do movimento, inclusive, já organizando programações para 2019 com o objetivo de levar palestras para vários municípios. Segundo Ericson, a organização e a comunicação acerca do movimento dão-se a partir do aplicativo whatsapp e facebook. A liderança do movimento reúne-se de 15 em 15 dias. Os instrumentos de lutas são as manifestações e as redes sociais, sendo, o primeiro movimento em utilizar rede social para mobilização. Uma das pretensões futuras do movimento é eleger representantes no governo e uma das formas de pressão sobre o governo é o acompanhamento das leis em andamento. Tendo o movimento como ideologia o liberalismo, defendem a privatização total no Estado, são a favor da reforma trabalhista. Também como objetivo do movimento, corte dos gastos públicos, cortes dos auxílios, reaver o teto dos judiciários, contra os supres salários, defendem a escola sem partido. Também procuram fiscalizar a questão do Uber e ar condicionado nos coletivos.

Como já foi dito, os adversários do movimento é o próprio Estado, segundo o líder do MBL e os demais adversários são partidos políticos e outros movimentos sociais. Já os colaboradores do movimento são, profissionais liberais e empresários e colaboradores intelectuais como, UFPA livre e movimento liberal paraense. Segundo Ericson, não há nem um partido político como aliado do movimento. As conquistas do MBL foram, o impeachment como o principal, teto dos gastos público, reforma trabalhista, revogação do desarmamento. Em relação as

derrotas vista pelo movimento estão, reforma tributária da presidência a nível nacional, já a nível regional, o não avanço da privatização da Cosampa. Segundo Ericson, a falta de engajamento político tem sido o principal empecilho para certas conquistas. Sobre os maiores desafios regionais, está em consolidar-se como força política e eleger para o governo. A nível nacional, conseguir vencer o Estado “inchado” e deficiente o qual, o mesmo interfira o mínimo na vida das pessoas, e seja eficiente na educação, saúde, segurança, etc e rever a constituição. Sobre o fim do movimento, o líder afirmou que, “sempre irá surgir uma demanda, ou seja, não possui prazo para o movimento acabar”.

Anexo B – Entrevista 2

Nome do Movimento: Movimento Brasil Livre

Nome do entrevistado (completo): Juliana Pereira Pena

Lugar: Edifício Residencial Angelina Maiorana

Data: 06/06/2018

Nome do entrevistador: Juliana Campos e Gabriela Galvão

1. Como foi o processo de criação desse movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)?

R: O movimento Brasil Livre foi fundado em 2014, logo após da eleição da Dilma. Logo depois a Veja lança uma capa, que dizia que a Dilma e o Lula sabiam de tudo, então os Black Bloc, depredaram a Veja. A partir desse fato o MBL foi chamado para fazer sua manifestação pública a favor da veja, a favor da liberdade de expressão; em novembro de 2014 foi a data de fundação do MBL em São Paulo, pelo Kinho e Renan. Em Belém não estive presente na época da fundação, mas outros colegas sim. Então foram marcadas as manifestações aqui em Belém, e uma pessoa começou a se responsabilizar pelo MBL daqui, e fazer conversa com o pessoal de São Paulo, então passou a existir o Movimento Brasil Livre em Belém, eu entrei depois em agosto de 2015.

O contexto que impulsionou para a criação em Belém foi o nacional, apesar que trabalhamos pauta daqui, mas na época, foi o contexto nacional, a pauta da crise, do Impeachment, aquela coisa que foi no Brasil inteiro.

2. Qual a principal reivindicação do movimento?

R: Bom, hoje nós defendemos pautas liberais, que seria a diminuição do Estado, a livre iniciativa, a diminuição da cobrança de impostos, a liberdade para fazer contratos, para empreender, trabalhar sem a interferência estatal no nível que vivemos hoje; então como isso se dá: a gente pede privatização, fim de vários tipos de estatais, fim de várias leis que regulamentam tudo hoje em dia. Tudo é regulamentado por lei. Basicamente pedimos mais liberdade para o indivíduo.

3. Qual o principal adversário?

R: Até as eleições de 2016 era muito o PT o adversário porque era muito forte, e depois de 2016 a gente tem vários adversários, qualquer pessoa pode ser nosso adversário, até o aliado. Por exemplo, um político que a gente apoia, começa a defender a estatização, regulamentação, a gente já vai brigar com aquela pessoa. Um exemplo foi o Doria em São Paulo, tinha nosso apoio, porque defendia o que a gente acredita, depois começou a defender outras coisas. Teve um projeto que foi aprovado pelo nosso vereador em SP, Fernando Holiday, que dava abertura para empresas privadas prestarem serviços funerários, porque até então só a estatal era responsável, e o Doria vetou, então já brigamos com ele. Basicamente a gente hoje briga por pautas, a gente pode brigar com o governo, apoiar o governo depende do contexto.

4. Quem são os participantes do movimento?

R: A nível nacional é muito jovem. No Pará, é mais adulto. Jovens engajados são pouquíssimos. A nossa faixa é de 30, 40, 50 anos.

5. Como o movimento é organizado?

R: Pelo Whatsapp, não temos sede, não temos escritório, reunimos de vez em quando.

6. Quais as formas de luta do movimento?

R: Basicamente redes sociais. Quando tem necessidade marcamos manifestação, de vez em quando tem alguma, e também candidatura, a gente quer colocar pessoas na política para defender nossos projetos. Através de página no facebook, tem 8, a principal e a do Estado do Pará que tem 13.500 curtidas, e as pessoas acompanham muito.

7. Nas suas ações, como caracteriza-se o movimento (várias respostas)?

R: Meme, trabalhamos com muita notícia, a gente tem uma coisa de informação, que dá toda a informação do que está acontecendo na política, e trabalhamos a informação com crítica e com

o que defendemos. Muito “Meme”, mensagem simples e direta.

8. Nas suas ações, como o movimento caracteriza os seus adversários (várias respostas)?

R: Olha, a gente reivindica tudo o que a gente quer, basicamente não teve impedimento ainda de reivindicar nada, apesar do facebook tá tendo uma política limitando algumas coisas por contas dos fake News. Mas as nossas pautas principais são eleições, porque a gente tem várias reformas que a gente quer passar, e para isso a gente depende de Brasília, assembleia, do congresso. O adversário é político, raramente a gente leva para o lado pessoal, aqui em Belém é muito tranquilo, tem lugares ai fora se chegar alguém do MBL na UFPA apanha. Mas também tem gente do movimento do lado daqui se ver alguém com uma camisa vermelha já vai sabe rsrs. Mas sempre fizemos nossas manifestações e nunca tivemos nenhum problema, tem um respeito.

9. Quais foram as ações mais recentes do movimento?

R: A gente fez uma manifestação antes do último julgamento da Lula pelo STF, pedindo lula na cadeia né, e antes disso maioria na internet mesmo. A gente fez um Fórum Brasil 200, a gente trouxe o nosso, que a gente pretende que seja nosso candidato a presidente Flavio Rocha, e a gente fez um evento lá na Unama com os estudantes de lá.

10. Quais os aliados do movimento em suas ações?

R: Os apoios, as alianças acontecem dependendo das situações, ano passado entramos na pauta escola sem partido e vários grupos aqui da Pará se juntaram a favor da escola sem partido, alguns vereadores e outros movimentos o Reaja Pará, o VPR e entre outros.

11. Quais as principais conquistas do movimento?

R: Com certeza o Impeachment, a reforma trabalhista que a gente apoiou e passou, a gente elegeu vários vereadores na eleição passada, em São Paulo, e prefeitos também que a gente apoiou. O Doria que a gente apoiou, em Porto alegre o prefeito que foi eleito lá, elegemos 8 vereadores, e a gente não teve candidato aqui, não apoiamos ninguém.

12. Houve derrotas (explicação)?

R: Olha, uma derrota que tivemos foi a reforma da previdência, a escola sem partido também que estamos brigando para ser aprovado em alguns Estados.

13. Pode-se imaginar um encerramento das atividades no caso de ter alcançado os seus objetivos?

R: Não, sempre continuar, o Estado brasileiro hoje em dia é um estado de socialismo, se a gente for avaliar liberdade econômica, não tem, com algumas alterações na lei trabalhista melhorou um pouquinho, mas hoje o empresário sofre muito, para montar uma empresa, para contratar, para demitir, simplesmente para trabalhar. É muita regra, é muito alvará, é muito tudo.

14. Quais os maiores desafios do movimento na atualidade?

R: Acho que hoje o desafio é se fortalecer, com as eleições chegando percebemos que tá cada um cuidando dos seus interesses, porque a gente não é um partido. A gente defende a candidatura avulsa. Então a gente tem dificuldade de ter pessoas que queiram defender o que a gente defende para se propor a entrar na política.

Anexo C - Entrevista 3

Nome do Movimento: Movimento Brasil Livre

Nome do entrevistado (completo): Maria de Nazaré Baía Brito Lemos

Lugar: Shopping Metr pole/Praça de alimentação

Data: 14/06/2018

Nome do entrevistador: Ana Lúcia Maués e Gabriela Galvão

1. Como foi o processo de criação desse movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)?

R: Bem, esse movimento é nacional e nós somos aqui uma derivação do núcleo nacional, da direção nacional. Esse movimento foi criado em 2015, estou falando em termos nacionais, acredito que vocês tenham tido notícias dessa criação. Quando se reuniram alguns rapazes que tinham trabalhado em campanhas eleitorais de dois candidatos em São Paulo, trabalhavam juntos a candidatos de vertente liberal e sempre se encontravam porque acaba sendo um universo pequeno né, a gente acaba se encontrando com pessoas de outros movimentos sociais, então se encontraram um dia lá de uma forma espontânea, assim no WhatsApp, porque teve um

quebra-quebra na revista Veja por conta de uma notícia que saiu de lá. Aí eles achando que estava demais aquilo e que ninguém poderia atacar a imprensa, se juntaram e disseram que poderiam se reunir e criar um movimento, criar alguma coisa, criar uma frente e o Movimento Brasil Livre foi criado. Eu conheço os dirigentes nacionais, mas comecei por aqui, antes eu já tive outras abordagens que são do Movimento Brasil Livre e isso aconteceu em 2015. Acredito que aqui no Pará, mas precisamente em Belém tenha sido em 2016 por ocasião daqueles movimentos, não sei se vocês se lembram que o pessoal de São Paulo, o Movimento, esqueci, que foi até aquele pelo R\$ 0,20. Aí vocês se lembram daquela movimentação toda, daquele caldeirão, então como já tinha esse resolveram criar um contraponto, para nós aqui no Pará, se não me engano foi em 2015 também, não, minto, foi em 2014 lá, aqui foi em 2015, acho que mais para o final. A iniciativa do movimento Nacional, quem sabe dizer é o Kim, Holiday, Renan Santos, Alexandre Santos, Pedro Deiro, Eric Balbino; aqui eu não conheci e já conheci o movimento já formado aqui e eu tinha mais contato com o pessoal da nacional por causa da visibilidade, mas eu acredito que o Ericson sabe, porque ele foi o segundo coordenador de núcleo aqui.

2. Qual a principal reivindicação do movimento?

R: Olha, o Movimento Brasil Livre é um movimento de ideias liberais, não em termos de liberais americanos, porque o liberal americano ele é de uma vertente mais socialista, eu falo o liberal clássico tá, tipo Milton Friedman, economia clássica, menos estado mais cidadão, estado mínimo, cidadão máximo. E essa é a vertente em termos gerais, e a defesa destes princípios quais sejam, principalmente a vida e propriedade, vida no sentido de proteção a vida, individualidade e propriedade e vida, proteção da individualidade de não retirar do ser humano aquela questão dele individual e criar uma vivência de diversidades ideológicas, mas assim, no âmbito de permitir diferenças.

3. Qual o principal adversário?

R: O principal adversário do movimento como tudo são... é o próprio, é aquela questão Hegeliana, somos nós mesmos porque nem todo movimento chega com um termo comum e às vezes isso cria impasses, no sentido de que vamos fazer isso, aí vem alguém e chega e diz que não vai dá certo, o pior inimigo é você próprio, e do movimento é os componentes, não tem inimigos externos, ninguém pode dizer que tem inimigo, não tem isso, adversários, eu acho que é uma questão de..., a realidade é cambiante, e eu acredito que o Movimento não tem inimigos,

acho que não tem, e tão poucos adversários nesse sentido.

4. Quem são os participantes do movimento?

R: Nós temos adultos, aqui não apareceu nenhum Kim, nenhum Holiday aqui, que é nossa grande luta a grande parte dos componentes do MBL aqui, assim como eu vir essa característica em Uberlândia e Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, são de profissionais liberais, médicos, engenheiros, vendedores, funcionários públicos, e quem participa são os filhos, o meu filho participa e os filhos de outros componentes, mas a maioria é adultos de 24 anos pra cima, os mais novos não participam, pois estudam, e tudo demanda tempo.

E assim, eu sou conservadora, no movimento tem muitos materialista, que não acreditam em Deus, e o pessoal tá com uma mania de criticar o MBL de ser conservador, então tu não tolera gay, eu tenho um filho gay, e gosto de mais dele, seja feliz, agora é uma situação muito difícil de enfrentar, e ele mora com um rapaz e ele não aguentou e eu vejo chorar, eu tenho uma amiga, adoro ela, ela vive com uma outra menina, minha fofa, abraço ela todo dia, agora vou deixar de amar uma pessoa pela escolha, não.

5. Como o movimento é organizado?

R: É basicamente por rede social e divulgação de ideias, isso é a parte virtual, e quando nós temos os atos, por assim dizer, pode ser um ato meramente ilustrativo de fazer um flash mob, pode ser de fazer uma manifestação, pode ser de se apresentar em uma praça pública, distribuir panfletos, tudo é combinado pela internet e até pela questão de tempo.

6. Quais as formas de luta do movimento?

R: Eu sempre vejo que a principal luta é a divulgação das ideias liberais porque as pessoas normalmente são liberais, porque, por exemplo, tu tens a tua bolsa alguém passa aqui e diz, não, eu vou pegar essa bolsa; e porque eu vou socializar a minha bolsa, poxa esse é o meu suor isso eu comprei, e a pessoa diz, não, eu posso levar porque eu também mereço ter a bolsa. Então é essa a divulgação em termos de conscientização, e fazer isso de um modo leve e acessível, porque não adianta ser liberal e se trancar em uma sala e ficar discutindo, não, isso tem que criar uma coisa palatável para quem não tem tempo ou não tem disposição para estudar profundamente o tema.

7. Nas suas ações, como caracteriza-se o movimento (várias respostas)?

R: Olha, o movimento é muito bem humorado, tem que ter bom humor, tem que ter ideias inteligíveis, mas ideias palatáveis e curtas, nós agimos assim como movimento porque não adianta criar uma pauta ou ter uma pauta muito extensa, e outra coisa, ordem porque é coisa que eu pelo menos faço, eu saio limpando a rua, ei não pode sujar, a pessoa não quis o panfleto, você vai lá e pede de volta e não deixe jogar no chão, ou amassou e jogou na tua cara, não se ofenda é o momento dela, pega e joga, nada de enfrentamento, isso não é legal.

8. Nas suas ações, como o movimento caracteriza os seus adversários (várias respostas)?

R: Não temos adversário e nem inimigos, somos nós mesmo.

9. Quais foram as ações mais recentes do movimento?

R: Eu acho que, é assim, por enquanto é a política brasileira que é o nosso principal panorama de luta, tá no impasse, acredito que a ultima tenha sido, são tantas, são pequenas pautas, tem as pequenas pautas e as grandes pautas. O último encontro maior, foi pela prisão do Lula, a mais recente, não tão grande porque foi muito rápido, mas nos organizamos, levamos trio elétrico colocamos na praça da república, tiramos as fotos, divulgamos alguma coisa e depois fomos pra Doca, o pessoal pediu, só que a gente prefere não se meter muito, pois somos muito independentes e nós não aceitamos ter donos, somos só nós.

10. Quais os aliados do movimento em suas ações?

R: Normalmente, olha, não somos só nós, tem muitos parlamentares simpatizantes com o grupo e pessoal que até que a gente considera bastante. Mas, o grosso vem de pessoas que seguem e dão dinheiro para o grupo, nós mesmos temos condições de dá dinheiro para o grupo, todos nós trabalhamos ninguém vive de movimento, porque não dá. Então, é diferente do povo da nacional porque eles já tem um

sistema de coleta, porque tudo pra eles, eles usam camisas, nós também temos esse tipo de coisas, só que no momento o movimento é ainda pequeno, o povo do Pará não tem poder aquisitivo pra dá R\$ 50,00 em uma camiseta, lá, São Paulo, é um estado rico, Rio também o pessoal dá, mas aqui a gente vende a R\$ 25,00. E as nossas doações de políticos aqui, a gente sai batendo de porta em porta, a gente já tem o não, mas tem uns que colaboram, olha não queremos dinheiro, paga o trio, a gente pede, se algum politico quer mandar ele manda, é bem-vindo.

O movimento não é partidário, é suprapartidário, nós temos políticos do DEM, PSDB, PDT, impressionante né, do PRB, do NOVO.

11. Quais as principais conquistas do movimento?

R: Bom, em nível nacional foi impeachment, o Movimento Brasil Livre pode falar quem quiser, o Movimento Brasil Livre levantou novamente o impeachment no momento que tinha dado... E nós somos muito odiados por isso, esse foi o marco, você derrubou presidente, ei eu fui bem ali derrubar o presidente, então alguém puxou isso, foi pelo pessoal de São Paulo e se juntaram. era o interesse, então o movimento serviu como elemento catalizador dessa vontade popular aliada ao desgaste político do sistema gerenciado pela mãe Dilma, então foi um encontro de interesses e o Movimento Brasil Livre gamou isso, é difícil é, porque não tem nada mais desunido do que parlamentar, mas deu certo a mão gamou e todas as nossas metas foram atingidas, derrubar a Dilma e Lula na cadeia, foram as nossas duas grandes metas e nós somos mal falados tanto pelos que se dizem de direita como pelos que se dizem de esquerda, a gente apanha de todo lado.

Olha aqui no Pará o relacionamento é muito complicado, vou dá um exemplo, quem é que governa aqui no Pará, é Zenaldo e Pioneiro, são inimigos figadais, partido muito ruim que é o PSDB, que é uma escada do PT, que é um partido que faz tudo para se manter no poder, não apenas roubar porque todos roubam, mas ele rouba para ficar nesse sistema de dominação tipo Venezuela, reduzindo né, aqui no PSDB do Pará, é um partido relativamente higiênico em comparação ao Fernando Henrique Cardoso e em relação ao Aécio Neves, e o Jatene mantem o estado do Pará saneado, é um péssimo gestor? É, mas tem bons secretários de fazenda. Zenaldo, fracasso, Pioneiro, um fracasso total, o que acontece, quando a gente vai

meter a mão nessas coisas, o pessoal tira o microfone da tua mão e diz que vai te matar e tiram mesmo, e o que fazem, colocam um som muito mais alto que a gente, e porque eles tem muito poderio econômico que não é dinheiro deles é dinheiro do povo, e usam para fazer esse tipo de censura, porque você calar o outro é censura, isso é inadmissível, então, e outra coisa, tem muito funcionário público no estado do Pará, então com a gente faz uma programação para falar mal do Jatene, Pioneiro, não tem muita receptividade, a gente ver essa página, e quem defendeu o Jatene na rede social a gente ver e esse pessoal tem muito poderio econômico, quando a gente vai falar isso vamos ser cinco pessoas batendo boca porque vai chegar alguém que vai cortar nosso trio elétrico, vai dizer que é proibido gritar na praça da república, entendeu, é um relacionamento muito próximo à gente ainda não conseguiu essa entrada com seguidores pra chegar e tentar esse tipo de coisa, a gente até consegue, mas com muito infiltrado, é do PT do PSOL, isso não nos interessa porque eles gostam de baderna, isso ainda não deu pra fazer esse tipo de abordagem educada, consciente, porque baderna ninguém quer, ainda não conseguimos, para o estudante menos ainda tem que ter nota.

12. Houve derrotas (explicação)?

R: Sim, a gente amadurece com isso, nós convocamos uma vez em um domingo e não deu ninguém, porque era uma pauta muito sofisticada, e que o povo não tá interessado, como eu disse, não adianta sofisticar porque o povo não entende, só entende quando dói muito o bolso. A gente pediu bora ver se a gente emplaca impeachment do ministro do STF, porque o único jeito de tira-lo é pelo impeachment, vamos fazer uma passeata, aí o pessoal diz, a ninguém vai não dá ninguém. Então eu acredito que isso é um pouco de derrota. O MBL representa a sociedade desorganizada, o que é a sociedade desorganizada? É aquele anseio que você precisa dá razão, e a sociedade desorganizada que precisa de um grupo de pressão, que não quer aderir a pautas fechadas, mas diz, poxa não tá certo isso. Então é captar o anseio da sociedade. Aqui no Pará, tentamos meter o sarrafo nos políticos do Pará, e simplesmente os outros movimentos não deixaram, puxaram o microfone, foi uma grande cisão com outros movimentos.

13. Pode-se imaginar um encerramento das atividades no caso de ter alcançado os seus objetivos?

R: Não, primeiro porque o grupo é muito novo e acredito que a sociedade ela tem esse anseio de não parar mais, porque tudo mundo já sabe o nome dos ministros do STF coisa que há uns dois anos atrás ninguém sabia, a tendência é aumentar, vai ter mais grupos com essa vertente do Movimento Brasil Livre, com essa vertente conservadora. O pessoal tem um preconceito com o conservadorismo, como se fosse algo retrograda, ao contrário é inovador, porque o conservador quer conservar a vida e não barbárie, quando você desmantela tudo é retorno à barbárie.

14. Quais os maiores desafios do movimento na atualidade?

R: É conscientizar, criar grupo de pressão na sociedade desorganizada, não adianta ficar gritando e ser ativista de sofá. É bom é, fazer pressão no twitter eles leem eu sei que sim, uma vez eu bati boca com o Roberto Freire eles leem e acompanham, eu tenho um político que eu gosto muito o Ronaldo Caiado, a, mas ele é grosso, é ruralista, mas ele me segue eu sigo ele numa boa, gosto muito, tá batalhando pra ser governador de Goiás e foi muito lutador.

AÇÃO COLETIVA TRÊS

O MOVIMENTO NEGRO NO ESTADO DO PARÁ

Anália Cristina Da Silva Machado

Diogo Ferreira Pereira

Hamblea Victoria Diniz Souza

Maicon Silva Pantoja

O presente trabalho tem como objeto de estudo o tema sobre os movimentos sociais, onde pesquisamos especificamente o movimento negro, em Belém do Pará, a fim de uma melhor compreensão tanto histórica quanto da mobilização atual. A história do Brasil está diretamente ligada aos negros, sabemos que sua mão-de-obra foi primordial, porém há muitos outros fatores a serem considerados. Donos de uma cultura riquíssima que permeia vários aspectos do nosso cotidiano, nosso linguajar, nossos pratos típicos, até mesmo nossa forma de se expressar remete a eles, o negro está na base da formação da sociedade brasileira.

Porém, mesmo 130 anos depois da assinatura da Lei Aurea, ainda temos recorrência desse passado, dessa forma que foram tratados e subjugados, dando margem para muitos conflitos sociais e um patamar de desigualdade. Buscamos com esse trabalho compreender o movimento negro, fazer uma breve retrospectiva história e mostrar como se dá atualmente no estado do Pará essa organização, quais dificuldades e quais objetivos atuais.

Nossa pesquisa ocorreu no dia 18 de Junho, as 17 horas no espaço Art Ato, localizado na Tv. Benjamin Constant, 917 – Bairro do Reduto com membros do CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará). As entrevistas foram feitas pelos discentes do curso de Ciências Sociais da UFPA, 7º semestre, período 2018.2, Anália Cristina da Silva Machado, Diogo Ferreira Pereira, Hamblea Victoria Diniz Souza e Maicon Silva Pantoja referente a Disciplina Tópicos Temáticos em Sociologia, ministrada pelo Docente Heribert Schmitz.

Uma breve história sobre o movimento negro no Brasil

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

O movimento negro surge no período escravocrata, tendo figuras muito marcantes e com potencial político como Zumbi dos Palmares (Líder do quilombo dos Palmares). Os escravos recorriam as práticas da quilombagem (fuga para lugares distantes a fim de recomeçar a vida com seus iguais e poder praticar sua cultura sem recriminação) e bandoleirismo (ataque a povoados/ viajantes) para rebelar-se contra o regime que se encontravam inseridos. Os negros buscavam uma forma de identificação, um lugar onde pudessem exercer seus costumes, onde pudessem ter um convívio agradável como seus iguais, porém vieram vários estereótipos diferentes pois não há um negro padrão, desconstruindo o preconceito de que negro é tudo igual, há uma ampla variedade de características dentre eles, uma enorme e rica variedade étnica.

Ainda no mesmo período, o Movimento Liberal Abolicionista passa a ganhar força, desenvolvendo a ideia de fim da escravidão e comércio de escravos. Como resultado, foi promulgada em 13 de Maio de 1888 a Lei Áurea, encerrando o longo período escravagista. A população negra inicia então um novo desafio: a luta contra o preconceito e desigualdade social. Ao final do século XIX e durante uma grande parte do século XX, circulam jornais e revistas voltados aos negros. Os periódicos são fundados por associações dos mais diversos tipos, desde carnavalescas, até literárias. As publicações começam com o intuito de discutir a vida da população negra em geral e promover assuntos interessantes à época.

Porém, esses periódicos acabaram se tornando meios de denúncia de atos praticados contra os negros, das dificuldades desse grupo no período pós-escravagista, da desigualdade social entre negros e brancos e das restrições sofridas em decorrência do preconceito racial. O agrupamento de todas as publicações passou a ser conhecido como Imprensa Negra Paulista. Dentro deste mesmo período, em 1931, é fundada a Frente Negra Brasileira. Esse movimento viria a se transformar em partido político, extinto com os demais na criação do Estado Novo.

Após o Estado Novo, esses grupos começam a se organizar, formando entidades importantes na história pelo direito dos negros, tendo como exemplo a União dos Homens de Cor e o Teatro Experimental do Negro. Já na década de 60, a caminhada dos grupos no Brasil ganha novas influências e referências, como o Movimento dos Direitos Civis nos EUA e a luta africana contra a segregação racial e libertação de colônias. Destacam-

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

se personalidades como Rosa Parks, Martin Luther King, Nelson Mandela e Abdias Nascimento.

Alguns anos depois, nas décadas de 70 e 80, vários grupos são formados com o intuito de unir os jovens negros e denunciar o preconceito. Protestos e atos públicos das mais diversas formas passam a ser realizados, chamando a atenção da população e governo para o problema social – como a manifestação no Teatro Municipal de São Paulo, que resultaria na formação do Movimento Negro Unificado.

A Marcha Zumbi, realizada em Brasília em 1995, contou com a presença de 30 mil pessoas, despertando a necessidade de políticas públicas destinadas aos negros, como forma compensatória e de inclusão nos campos socioeducativos. Com dados alarmantes do IBGE e IPEA, um decreto do governo FHC instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra.

Porém, a instauração de medidas práticas passa a ser realizada só após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância (Durban, África – 2001). A partir desse momento, o governo brasileiro passa a ter interesse em demonstrar, efetivamente, o cumprimento de resoluções determinadas internacionalmente pelos órgãos de Direitos Humanos. Desse momento em diante, são criados programas de cotas, iniciativas estaduais e municipais, e em 2003, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPPIR).

O que o Movimento Negro busca hoje

Após a abolição, os negros tiveram que tomar algum rumo, pois não poderiam permanecer nas terras onde moravam anteriormente pois pertenciam a quem antes lhe escravizara, em outros países, muitos chegavam a ganhar um pedacinho de terra para se restabelecer mas este não foi o caso do Brasil, então passaram a fundar os guetos e comunidades, como forma de proteção, e em razão da falta de oportunidades e a criação de um espaço com sua identidade. Entre as reivindicações do movimento negro hoje em dia está a compensação por todos os anos de trabalho forçado e à falta de inclusão social após esse período; a falta de políticas públicas destinadas a maior presença do negro no mercado de trabalho e nos campos educacionais. Também, a efetiva aplicabilidade das leis que

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

buscam a criminalização do racismo e a plena aceitação e respeito à cultura e herança histórica.

O movimento negro organizado é considerado, aqui, como um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de organizações, coletivos e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais, de estratégias político-partidárias, de iniciativas educacionais, de ações no âmbito da saúde, etc.; o que faz da diversidade e pluralidade características desse movimento social.

Pesquisa movimentos sociais: Movimento Negro no Pará

O CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará) localizada na rua dos Timbiras, Passagem Paulo VI, 244 – Bairro da Cremação (entre 14 de Março e Generalíssimo Deodoro) é uma entidade sem fins lucrativos, sem vínculos político-partidários, fundada em 10 de agosto de 1980 e legalizado em 27 de abril de 1982, criada no contexto da ditadura militar brasileira, onde começou-se a discutir a criação de um grupo para discutir e lutar contra o preconceito racial.

O CEDENPA, no Estado do Pará, vem contribuindo no processo de superação do racismo, preconceito e discriminação, que produzem as desigualdades sócio raciais, de gênero e outras, prejudicando, sobretudo, a população negra e indígena, em todos os aspectos da sociedade brasileira.

Trata-se de uma associação composta por um bocado de negras e negros, de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, níveis de informação, profissões/ ocupações, orientações sexuais, níveis de renda, religiões, estaturas, volume corporal, vícios, e outros aspectos da individualidade.

Junto com esse punhado de negras e negros, estão, também, um punhado de pessoas não-negras, as quais, de diferentes maneiras, apoiam esse difícil trabalho de protagonizar ações voltadas a remover obstáculos antigos e novos, impostos pelo segmento racial-racista hegemônico.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

O CEDENPA tem como alguns de seus fundadores, Zélia Amador de Deus, professora de Artes da UFPA, doutora em antropologia e participante da criação do sistema de cotas de negros nas universidades e Raimunda Nilma de Melo Bentes, graduada em engenharia econômica e uma das idealizadoras da Marcha das Mulheres Negras.

Tem parcerias com: Rede Bragantina de Econômica Solidária; Rede Mocambos; Rede Fulanas: Negras da Amazônia Brasileira; Red de Mujeres Afro-latinoamericanas, Afro-caribeñas y de la Diáspora; Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB); Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN); Instituto de Mulheres Negras no Amapá (IMENA); Centro de Cultura Negra do Maranhão/Coletivo Mãe Andreza (CCN); Instituto de Mulheres Negras- PA (IMUNE); Associação de Filhos e Amigos do Ilê Axé-Pará MALUNGU/PARÁ (AFAIA); Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará; Grupo de Estudos Afro-Amazônicos-UFPA; Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG); Sociedade Paraense de Direitos Humanos (SDDH); Processo de Articulação e Diálogos (PAD).

A principal reivindicação do movimento, é a luta e o combate ao racismo. Todos os projetos, articulações feitas pelo CEDENPA tem como objetivo informar o que é o racismo, e através da informação combater essa prática. Como exemplo, temos a *Afrogincana*, realizada pelo coletivo da juventude do CEDENPA, que tem como ideia dialogar sobre questões raciais para as crianças que moram em torno da instituição e também ter um contato mais próximo da comunidade.

A marcha das mulheres negras contra o racismo a violência e pelo bem viver, ocorrida em Brasília em 18 de Novembro de 2015, reuniu mais de 50 mil mulheres que ocuparam as seis faixas da avenida que levam ao Congresso Nacional, ao Supremo Tribunal Federal e ao Palácio do Planalto, revela a intensa participação das mulheres negras na luta contra o racismo, contra a violência e na busca por mais protagonismo na sociedade.

Todas as conquistas que o movimento negro conseguiu no Pará, devem ser comemoradas, como a adesão da política de cotas raciais na Universidade Federal do Pará (UFPA), que foi uma das primeiras universidades do Brasil a aderir cotas raciais para estudantes, o reconhecimento de territórios quilombolas, a construção da sede do CEDENPA, a publicação de livros por autores e autoras negros são algumas das muitas conquistas

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

conseguidas através da luta de homens e mulheres negras que mesmo diante das dificuldades, lutam incansavelmente na busca da igualdade e na luta contra o racismo.

Protagonistas

Quem respondeu a nossas perguntas foram seis jovens, a parte mais ativa do movimento atualmente é a juventude, quem organiza as gincanas e as demais atividades. Eles nos remeteram ao nome dos organizadores, coordenadores e fundadores, nos contaram um pouco da história através desses personagens, em sua maioria mulheres, estas permanecendo até hoje. O tripé de formação é composto por Felisberto Damasceno, Zélia Amador e Nilma Bentes.

Nilma Bentes

Graduada em engenharia agrônômica, Nilma é uma das fundadoras do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa), em Belém, e uma das idealizadoras da Marcha das Mulheres Negras, que deu visibilidade à luta dessas que muitas vezes estão, como ela diz, imprensadas entre o machismo do movimento negro e o racismo do movimento feminista. “A realização da marcha mostrou que a gente venceu o medo”, afirma a mesma.

Zélia Amador

Possui graduação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, curso de formação em teatro, mestrado em estudos literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001), doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2008). É professora da Universidade Federal do Pará desde 1978. Ativista do movimento negro e co-fundadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará – CEDENPA – (1980).

Felisberto Damasceno

Cursou direito na Universidade Federal do Pará entre os 1979/80, período de convívio com as duas outras fundadoras e servia de interlocutor do movimento dentro da universidade, lembrando que o período de surgimento remete a ditadura militar, a universidade era um ótimo ponto de encontro para essas vivências e discursões. Atualmente reside em Brasília e advoga para o PT.

Considerações Finais

O movimento apresenta-se como mobilizador de lutas sociais contra a discriminação e a segregação racial no Estado do Pará. A eliminação dos mecanismos que reproduzem a lógica de exclusão da população negra faz parte de sua essência, um objetivo fundamental apresentado diante do poder público, legitimados através de conquistas no âmbito dos direitos humanos e da legislação estadual e nacional. A promoção da igualdade racial é o aspecto essencial que movimenta suas atividades, além disso, a construção de conhecimentos – atividades e reuniões- com as comunidades tradicionais e populares consolida o papel de disseminador de saberes através dos diálogos com esses grupos.

Aspectos político sociais podem ser destacados na consolidação do movimento, especialmente a Criação do Conselho Municipal do Negro e da Delegacia de Combate a Crimes Discriminatórios – DCCD, ferramentas institucionais conquistadas através das lutas engajadas pelo CEDENPA. Demonstração da força representativa e combativa para a promoção da igualdade racial que o movimento se propõe, reforçada através da parceria com outros movimentos e organizações nacionais e internacionais que discutem as questões etno raciais.

As políticas promovidas pelo atual presidente da República são consideradas pelo movimento como retrocessos na garantia dos direitos em um Estado Democrático de direitos, representam a principal pauta que mobiliza os participantes de hoje, especialmente, políticas de segregação e exclusão como os cortes de auxílios para estudantes quilombolas e indígenas para permanência no ambiente acadêmico que representam barreiras na promoção desses direitos, garantidos de forma legal.

O CEDENPA enquanto espaço de promoção de igualdade e diversidade apresenta um grupo heterogêneo de participantes, em um diálogo com as comunidades que objetivam alcançar, visto que as concepções ideológicas que norteiam as principais demandas emergentes das relações sociais, políticas e econômicas atuais que são impostas aos grupos segregados, impactam o movimento e a realização das suas ações, a promoção e conclusão de seus objetivos, além da propagação de saberes e práticas para a conquista da igualdade e equidade racial no Brasil, especialmente no contexto Amazônico.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Referências Bibliográficas

ALBERTINI, Verena. ARAÚJO, Amílcar. História do movimento negro no Brasil: Depoimentos ao CPDOC. Organização Verena Albertini e Amilcar Araújo - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV -2007.

BELIEVE, Earth. Nilma Bentes: visibilidade às mulheres negras. Disponível em <<http://azmina.com.br/reportagens/nilma-bentes-visibilidade-as-mulheres-negras/>>

CEDENPA - Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará. Disponível em <<http://www.cedenpa.org.br/A-Entidade>>

AÇÃO COLETIVA QUATRO

O MOVIMENTO OCUPAR A REPÚBLICA - RELATÓRIO DE PESQUISA

Beatriz Brasil da Silva Monteiro
Bruno Rodrigo Carvalho Domingues
Felipe Bandeira Netto
Renato Campelo França Junior
Ricardo Soares Neto

Desde a crise de 2008 o mundo passa por diversas transformações socioeconômicas e políticas. As consequências desta crise se mostraram em diversas manifestações de descontentamento com corte de recursos e com governos e governantes.

Em 2011 o mundo voltou seus olhos para os países árabes, que envoltos em crises econômicas e conflitos sociopolíticos, iniciaram uma série de manifestações, que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”, este movimento ganhou visibilidade, ficando mundialmente conhecido e acima de tudo servindo como referência a diversos outros protestos que transcendem as limitações territoriais, o que Benjamin Tejerina e Ignacia Perugorria (2012) chamam de “alter-global mobilization”.

Também em 2011 a Europa vivenciou intensas mobilizações, a começar pela Espanha, que devido a forte crise econômica e as medidas tomadas pelo governo, que afetava significativamente a população. Nesta ocasião, grupos de pessoas convidavam outras via redes sociais para que juntos expressassem sua indignação. A primeira grande mobilização estava marcada para o dia 15 de maio (15M) com acampadas (ocupações) em praças de Madri. O movimento fazia fortes críticas à “velha política” e buscava uma renovação desta, ainda que se valessem de instrumentos desta velha política. As chamadas às ruas tinham forte cunho emocional, e assim o movimento foi caracterizado por alguns autores. O que unia a população era o sentimento de ultraje, indignação, frente aos governos. O movimento não possuía vinculação partidária, e repudiava a presença de partidos e bandeiras junto a eles, o que unia este grupo eram as emoções, ficando conhecido como “movimento dos indignados” ou “indignados da Espanha” (CASTELLS, 2013; TEJERINA; PERUGORRIA, 2012). O 15M resistiu ocupando praça pública, mas logo as pessoas dispersaram, mantendo ainda o contato via redes sociais e mobilizando não somente à Espanha, mas diversos outros países da Europa e do mundo, ressurgindo como um movimento global em outubro de 2011.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Nos Estados Unidos da América, no mesmo ano, ocorrera o “Occupy Wall Street”, movimento de ocupação ocorrida no Parque Zuccotti, Wall Street e se espalhou por cidades como Boston, Chicago, Los Angeles, Portland e São Francisco. O objetivo era expressar a indignação ante a desigualdade social nos EUA, onde a maior parte da riqueza está concentrada nas mãos de apenas 1% da população. Cartazes e chamadas públicas via redes sociais utilizavam o slogan “somos os 99%”. O movimento iniciou em setembro de 2011 e permaneceu na ocupação até novembro do mesmo ano, quando desocuparam compulsoriamente. O movimento passou a ocupar outros órgãos como bancos, universidades, sedes corporativas.

No Brasil, em 2013 as manifestações de junho foram além de protestos contra o aumento da tarifa de ônibus urbano e levaram às ruas pessoas de todas as idades, algumas pelas quais nunca haviam participado de mobilizações políticas ou movimentos sociais. Neste ano, a juventude foi às ruas com diversas pautas que mostravam indignação, mas que também mostravam a possibilidade de novos movimentos se formarem no Brasil.

Em 2015, o Governo de São Paulo anunciou o programa de reorganização escolar, que visava à transferência de alunos para outras unidades e o fechamento de mais de 90 escolas em todo o Estado. Foi quando as manifestações contra tal medida surgiram, com forte influência das ocupações pela Europa e EUA, os alunos das escolas secundaristas de São Paulo estabeleceram ocupação permanente nas escolas, e fizeram daquele espaço um espaço de luta e debate político, durante todo o dia, no mês de novembro. A ocupação das escolas mostra que a juventude que em 2013 manifestou-se contra o aumento da tarifa de transporte em protestos que foram extremamente criminalizados pela grande mídia que possui lado e preferência política neste país, amadureceu ao longo destes dois anos e está atenta aos processos globais de mobilização: uso de redes sociais, horizontalidade, indignação política e desejo de renovação.

Ainda em 2015, após a presidente Dilma Rousseff tomar posse de seu segundo mandato iniciara uma grande tensão a partir da mobilização de movimentos de direita que, insatisfeitos com a decisão das eleições de 2014 que elegeu democraticamente a presidente com 51,64% de votos, tentavam a todo o custo impetrar um Golpe de Estado. Que acabou sendo implantado em 2016, um golpe jurídico-político-midiático, que atendeu aos interesses de classes específicas, mas que foi conseguido a partir de grande mobilização da direita, com passeatas de cunho emocional e apelativo para convidar a população. A grande mídia corroborou para a criminalização daqueles que se

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

manifestavam favorável ao governo, e as redes sociais serviram para a difusão, por parte da direita brasileira de “*Fake News*” (notícias falsas) que colaboraram para o teor emocional e apelativo dos protestos pró-impeachment.

Contudo, antes do Golpe de 2016, uma série de mobilizações contra esta tentativa (que se concretizou) se iniciou no Brasil. A democracia estava extremamente fragilizada e o Brasil na iminência de um golpe, então, grupos passaram a mobilizar-se por todo o país: caminhadas, passeatas, rodas de conversas... Tornou-se impossível ir a um bar com amigos e não falar sobre democracia ou qual a ideia de democracia se tem e qual se ensejava. Com isso, pequenos grupos foram se formando, nas ruas, nos bares, nas praças, nas universidades, todos articulando possibilidades de renovar a democracia. Um destes grupos é o objeto de estudo desta investigação, de nome “Ocupar a República”, um grupo que se reunia todas as sextas-feiras às 19h para discutir democracia e lutar contra o Golpe de 2016. Mas ocupar, para o grupo não se configurava necessariamente dormir em praças públicas, mas usá-las como um espaço democrático para pontualmente debater com a comunidade questões sobre política e sociedade.

As ocupações no sentido real do termo como as do Occupy Wall Street ou dos Indignados da Espanha ou dos Secundaristas de São Paulo somente foram ocorrer após o Golpe, quando o governo interino de Michel Temer começou o processo de desmonte do setor público e os ataques aos direitos dos trabalhadores. Foi quando escolas, universidades, praças e órgãos públicos foram ocupados, mostrando ao governo a insatisfação popular.

Mas afinal, para quê importa estudar um Movimento Social como o Ocupar a República se o grupo não ocupou no sentido estrito do termo nenhum espaço público?

Ora, segundo Tarrow (2009) ciclos de protestos podem ser definidos como:

uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social: com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas de confronto; com a criação de quadros interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; como uma combinação de participação organizada e não organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades (Tarrow, 2009, p. 182).

Logo, se entendemos que se o movimento ocupar a república foi um dos movimentos que participou de um ciclo de protestos contra o golpe e depois do golpe, com estratégias de

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

ação definidas e com inovações potenciais, entendemos que ele é um importante movimento a ser analisado.

Por se tratar de um movimento que opera tanto “online”, através das redes sociais, quanto “off-line” através do contato real com os participantes na praça da república, pesquisa foi feita a partir de entrevistas abertas, mas com roteiro pré-definido, além de termos feito uso da netnografia (KOZINETS, 2014), que se trata de uma forma de etnografia voltada para os meios de comunicação via computadores a fim de se chegar a compreensão da representação de fenômenos culturais na internet, deste modo, esta abordagem pode ser utilizada para estudar redes sociais, blogs, entre outros.

História do Movimento “Ocupar a República”

O movimento “Ocupar a República” surgiu em 2015 na Praça do Carmo, no bairro da Cidade Velha, como a tentativa de mobilizar e discutir com a população as questões políticas do Brasil. O país passava por uma crise política com a eminência de impeachment da presidente Dilma Rousseff, o que gerou em um grupo de amigos, composto por juristas e professores da Universidade Federal do Pará, a preocupação de que a democracia sofresse uma supressão. Como bem exemplifica a ativista fundadora do movimento abaixo:

[...] a ideia de insatisfação com o cenário político apresentado, desde a criminalização dos movimentos como ocorreu em junho de 2013, a diferenciação que faziam com tática *black block*, segregando as pessoas, além do poder da mídia indo contra as manifestações, etc. Esse sentimento foi aliado com a ideia de que a democracia parlamentar apresentava alguns problemas, desde o jeito em que o governo do PT iniciou seu mandato em 2015 ou como terminou em 2014, sentiam que a Dilma precisava alargar mais o debate sobre democracia. Essa roda de amigos que discutiam a situação do país e se preocupavam com o rumo que tomava, a política tinha que ser entendida além do sentido legal da palavra, ir até outros espaços. (B.D., entrevista realizada em junho de 2018).

O movimento tem origem na Praça do Carmo, pois era o local de encontro dos amigos, mas depois passou a ter como lugar de reunião a praça da República, por toda a carga de significado e símbolo que tal praça possui. A praça da República abriga o Teatro da Paz local de disseminação da cultura erudita e também o Bar do Parque, que é conhecido por seu histórico de ser um espaço de debates sociais. A pluralidade de pessoas que circulam

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

na praça, desde a classe média alta que mora no entorno até os sem teto que moram nos coretos, faz com que ela seja o ponto ideal para se praticar ações coletivas

Figura 1.



Figura 4 – Visão Aérea da Praça da República. Fonte: encurtador.net/giuJ1

Nacionalmente existia um grupo nas redes sociais de membros da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) que debatia sobre as questões democráticas, no qual os membros fundadores do “Ocupar a República” faziam parte. Entretanto, os fundadores do movimento identificaram que faltava uma prática mais efetiva de ações por parte dos movimentos sociais e dos partidos políticos para que um golpe de governo não fosse realizado. Naquele momento a maior preocupação dos ativistas do movimento era de que as forças militares assumissem o poder, levando em consideração que em 1964, em uma situação similar, se instaurou uma ditadura militar que perdurou por mais de 20 anos.

[...] a reivindicação era que não estávamos vivendo uma democracia ativa, não e apenas contra o golpe, uma vez que a gente derrubar o golpe, nos não vamos nos desfazer pois precisamos aprofundar a democracia, fazer com que os cidadãos participem mais, seja mais representativa para o povo brasileiro, sobre a forma de viver democraticamente, as relações horizontais faziam parte disso, baseada na igualdade. (J.F., entrevista realizada no dia 20 de junho de 2018).

O movimento luta em defesa dos ideais democráticos de igualdade, fraternidade e liberdade para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e inclusiva. Para tanto o movimento adota uma prática de ocupação do espaço público, com a ideia da antiguidade clássica greco-romana, de debate políticos em praças públicas. Mas essa prática clássica está aliada a contemporaneidade com uso das redes sociais para mobilizar e difundir a ideologia do “Ocupar a República”.

Motivações

Ocupar a república para os participantes do movimento “ocupar a república” não se caracteriza apenas como uma simples atuação, mas sim um caráter de resistência simbólica que designa a utilização da Praça da República como marco para toda uma mobilidade cuja primeira e principal reivindicação era instituir debates sobre a conjuntura política que ameaçava a retirada da presidenta Dilma Rousseff do governo, fazendo com que o movimento traçasse uma estratégia em confronto aos antagonistas à liberdade democrática e a crise política em que se encontrava o país naquela conjuntura, reunindo-se primeiramente na Praça Do Carmo e logo depois tomando como ponto referencial a Praça da República localizada no centro da cidade de Belém do Pará.

No início, o movimento começa com alguns participantes lendo um manifesto em favor da liberdade expressão e democracia e fundando o debate sobre o processo de ameaça democrática em que o país se encontrava. Além da ameaça de “golpe” ao governo, havia também a sensação de desespero por parte dos participantes do movimento quanto à ameaça de uma intervenção militar no mesmo período, portanto caracterizamos a luta dos envolvidos como uma luta contra o fascismo e também de grande esforço para ressignificar os conceitos de redemocratização, ou seja, formas de repensar o sistema político em suas particularidades. “Refundar a democracia” é um termo que foi designado como sendo uma das principais pautas iniciais designadas por um dos fundadores do movimento, segundo o relato de um participante, que afirma:

Eu não sei de onde esse termo vem, mas J.F. usava muito esse termo. Eu não sei dizer se ele inventou, mas me cativou bastante (P.G. Entrevista realizada em 02 de julho de 2018).

A ideia de que se estava vivendo em um momento de golpe foi o principal agente de motivação para a consolidação da cinesia que tomou conta daquele núcleo de indivíduos dispostos a sair da inercia para tentar alguma medida de confronto ao cenário antidemocrático que se mostrava cada dia mais real, ao mesmo tempo em que individualmente buscavam também alguma possibilidade de se encontrar como politicamente ativos para lidar com o cenário incompatível as suas crenças políticas, o mesmo cenário que se mostrava cada vez mais vantajado e ganhava poder, nas palavras de um dos participantes do movimento:

Eu comecei a ter confiança política nas ações que exercia na minha área de atuação porque comecei a enxergar que poderia fazer políticas

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

“secundárias”, tudo isso através dos aprendizados que obtive nas reuniões (P.G. realizada em 02/07/2018).

Observamos então que houve um denominador comum entre a crise política em que vivia o país no período de formação do movimento e as demandas individuais de cada indivíduo dentro do “ocupa república” para que se formassem as motivações do movimento.

Perfil dos Participantes

O movimento “Ocupar a República” não possui uma vinculação partidária, contudo, há “pré-requisitos” ideológicos para estar junto ao movimento, sendo eles: respeitar o direito dos trabalhadores, respeitar a diversidade e defender a democracia. Estes fatores por si excluíam a possibilidade da aproximação de movimentos de direita ou movimentos “reacionários”. Portanto, ainda que o grupo não seja partidário, há uma grande concentração de pessoas de ideologias de esquerda e com vinculações partidárias, afinal, o grupo não determina que não possa ter tais vinculações, como mostra o interlocutor P. N. no trecho da entrevista abaixo:

Eu sempre fui contrário desde as jornadas de 2013, para aquele tipo de fala anti-partidária, isso era algo que não tinha espaço dentro do ocupar a república, a gente fomentava a participação de pessoas com envolvimento partidário, mas a gente não assumia efetivamente uma pauta de defesa de um partido específico, lógico que nesse momento se envolvia com a participação partidária de partidos de esquerda, estava lá os quadros do PT, PCdoB, alguns quadros do PSOL que gravitavam por ali também. (P. N. Entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

Como o movimento originou-se a partir de um grupo de juristas, o perfil socioeconômico dos participantes também coincide com o perfil dos juristas: homens e mulheres majoritariamente brancos, de classe média, com ensino superior e pós-graduações, alguns professores universitários, e, portanto, há muito tempo inseridos na política e em movimentos sociais:

[...] Quando olhamos as primeiras fotos percebemos que tem 60 a 70% de advogados dentre aquelas pessoas, mas o movimento ganha depois mais pluralidade, sempre foi um movimento de classe média, nas fotos a gente vai ver que são homens e mulheres brancas, do ambiente universitário, advogados, pessoas com curso superior, a grande maioria da composição do núcleo duro são advogados e professores da universidade. Aos poucos vamos reunindo quadros superinteressantes da política e da vida social paraense, por exemplo, Ulisses Manaças, coordenador regional do MST e o Paulinho Fonteles. (P. N. Entrevista realizada em 25 de junho de 2018).

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

A ida do movimento para a Praça da República foi fator decisivo para que o movimento recebesse certa “pluralidade”, contudo, ainda assim, o movimento se configura majoritariamente conforme acima citado. Há a inserção de pessoas que não seguem este perfil, contudo, percebemos com as entrevistas que estas aparecem em menor número. Este perfil também condiz com os entrevistados desta pesquisa, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Perfil dos Interlocutores da Pesquisa.

Identificação	Gênero	Raça	Formação Acadêmica	Profissão
B. D.	Mulher	Branca	Bacharel em Direito; Doutora em Ciência Política.	Professora Universitária
C.	Mulher	Branca	Ensino Médio Completo	Feirante
J. F.	Homem	Branco	Graduação em História; Doutor em Ciência Política.	Professor Universitário
M. X.	Mulher	Branca	Graduação em Ciências Sociais; Doutoranda em Antropologia.	Antropóloga
P. N.	Homem	Branco	Bacharel em Direito; Doutorando em Direitos Humanos.	Advogado

Fonte: Bruno Domingues

Repertório e Performance

Quando o grupo iniciou e mesmo ao longo de sua trajetória a internet e as redes sociais foram grandes aliadas, pois possibilitaram a divulgação do evento através de “eventos” no *Facebook* e do lançamento de *hashtags*, como a #ocupararepublica (FIGURA 2).



Figura 5 - Evento no Facebook para o #11 Ocupar a República

Em suas chamadas, o movimento também despedia de forte teor emocional, como podemos ver através de algumas postagens no Facebook de seus membros (FIGURA 3; 4), bem como nas chamadas oficiais (FIGURA 5).

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas



Figura 6 - "Tragam as crianças, flores, amor e esperança!"

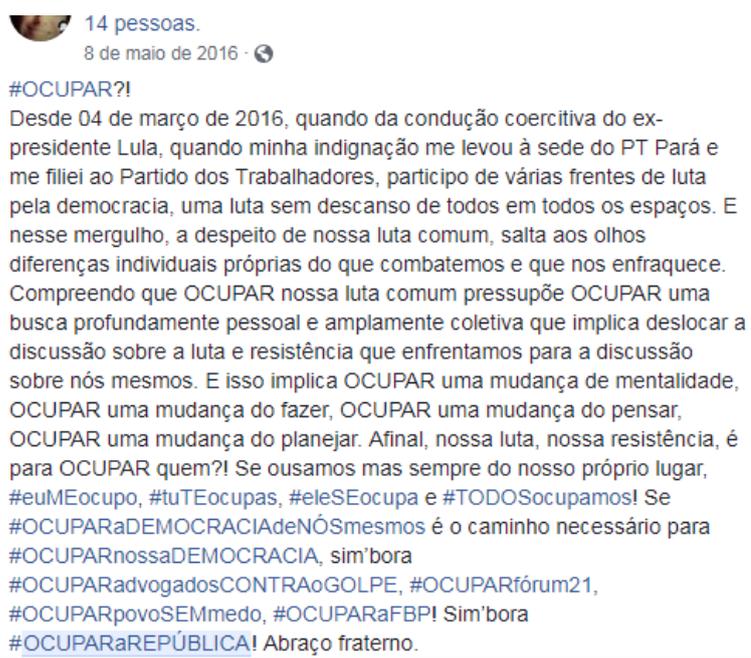


Figura 7 - Participante que se juntou ao movimento pelo sentimento de indignação.

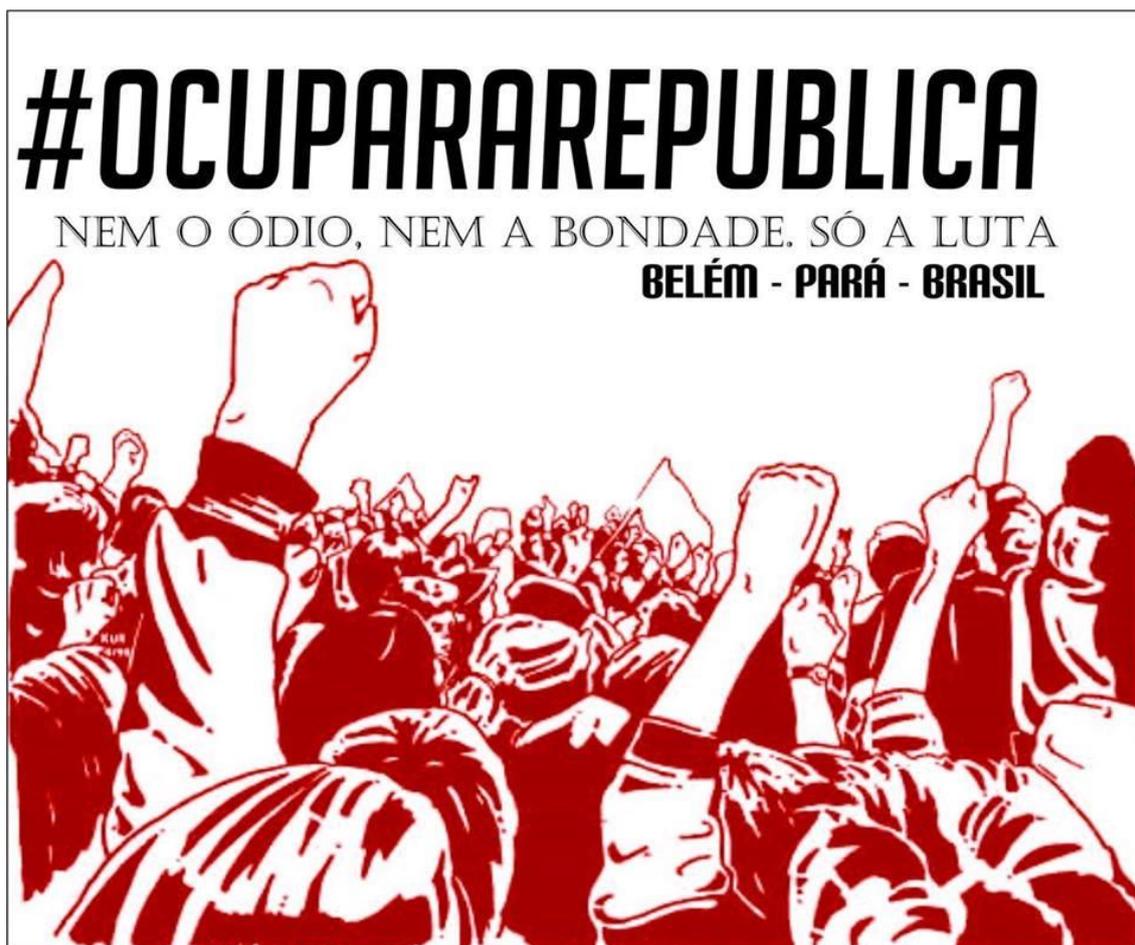


Figura 8 - Nem amor, nem ódio, luta!

No que tange organização, o movimento tem características horizontais, tentando se desvencilhar de hierarquias clássicas encontrada em partidos políticos e outros tipos de movimentos sociais, defendendo que as principais ações são geradas no contato de interação entre os diversos membros movimentos, não possuindo assim cargos como chefes ou líderes. Durante a análise podemos perceber que mesmo com essas tentativas, inevitavelmente alguns membros ganham mais destaque sobre os demais, existindo inclusive um grupo menor mobilizador.

Inspirações como os Indignados da Espanha ou então o *Occupy Wall Street*, se faziam presente entre os membros, além de reviver as praças como um espaço público de debate. A ideia de o movimento promover ações criando um espaço vazio para o debate político entre a sociedade civil, aproximando a população de um debate sobre a democracia, era um dos pontos principais desse grupo, por isso uma regra existia dentro do movimento sobre limitações de intervenções, para alguém se manifestar era preciso que essa pessoa fosse democrata, defendesse os direitos dos trabalhadores e da diversidade de gênero, cor ou orientação sexual.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

As reuniões ocorriam as sextas com o intuito de debater democracia e assim conseguir lutar contra o golpe ou então ascensão do fascismo, e a dinâmica de não interromper falas era utilizada com o intuito de respeitar as diversas opiniões presentes no ambiente. O consenso era estabelecido quando precisava deliberar sobre determinadas situações, ou então o bom senso de observar quais ideias possuía um acordo entre mais pessoas dentro do grupo, indo de contra os princípios mais hierárquicos sobre formas de atuação.

O grupo menor não era fixo, pessoas entravam e saiam, estava mais ligado sobre a disponibilidade de pessoas de ficarem mais à frente na organização. A forma horizontal de atuar encontrava restrições mesmo que não fossem sentidas pelos membros, pois a criação de um grupo menor com o intuito de mobilizar e organizar, automaticamente já criava hierarquia nas decisões, dando peso maior para os fundadores e pessoas que se destacaram durante o período das reuniões mais gerais na praça, segundo um dos interlocutores:

Tinha tipo um comitê de coordenação que se reunia fora do negócio, que tentava prever o que era a identidade do movimento, mas tínhamos claro desde o início que não teríamos lideranças, infelizmente sempre tem alguém que abre a rodada, instala o negócio, etc. então teve lideranças que se sobressaíram, eu e a B. D. ficamos mais a frente, depois saímos um pouco, mas sempre me recusei de apresentar como o líder, tinham os grandes fundadores claro, com um impacto maior sobre o que íamos fazer ou organizar o movimento. (Entrevistado J. F., entrevista do dia 20 de junho de 2018).

O Grupo menor possuía, nas palavras de J. F, uma simbologia de serem os “guardiões” do movimento, para que ele se perpetuasse durante um tempo maior. Muitas pessoas participavam, porém nem todas estavam dispostas a organizar, então o grupo ganhou organicidade e um poder maior que os membros que somente participavam as sextas feiras. Durante outras entrevistas foi constatado como funcionava as decisões dentro do grupo menor, tentando preservar características horizontais, porém se adotando do poder da verticalidade para a efetivação de determinadas demandas, como percebemos no trecho da entrevista com P. N.

Nas primeiras reuniões a pauta era ‘não vai ter golpe’, depois a gente percebeu que era necessário e naturalmente foram surgindo àquelas pessoas que topavam organizar a parada. Quem cuidava dessa

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

organização era um grupo de 20 pessoas. Então esse grupo tinha um grupo fechado do ocupar e usava esse grupo para moderar os assuntos que seriam tratados nas próximas reuniões, sugestões no grupão e depois deliberamos no grupo menor. Ocasionalmente a gente fazia reuniões presenciais desse grupinho, quando a gente tinha algum evento maior para organizar. (Entrevistado N., entrevista do dia 25 de junho de 2018)

O ocupar não seguia a ideologia de determinado partido político – como mostra o trecho de um vídeo da abertura de uma reunião postado na página do movimento no Facebook abaixo. Em seu meio transitavam movimentos e pelo menos três partidos de esquerda ou centro esquerda, porém é necessário entender que uma das maiores pautas era o restabelecimento da democracia ou manutenção, os membros tinham uma crença na instituições mesmo que de forma limitada, acreditavam poder alterar de alguma forma a composição delas, por isso a participação como apoiadores ou em vez enquanto próprio movimento, existiu nas eleições de 2016.

Hoje nós estamos na 9ª edição do ocupar a república. O ocupar a república é ocupar e resistir, nossa ideia aqui é de conjunção, de congregação, de confluência de lutas. Pra se unir contra esse governo ilegítimo, contra esse governo golpista e fascista. – Uma integrante.

Eu to aqui com o texto – acho que o pessoal que tá no whatsapp viu que a gente tá migrando para o telegrama, tá – e a gente colocou num texto o que é o ocupar, a gente também tá descobrindo ele, tá fazendo em conjunto, eu vou ler aqui: ‘ocupar a república é um movimento democrático e antifascista, que não está vinculado a nenhum partido político, um movimento e espaço de convergência política que se reúne as 19h das sextas-feiras na Praça da República, em Belém. Buscamos democratizar a política, a convergência de pautas e lutas, o exercício de novas práticas políticas e o ativismo e defesa intransigente dos direitos sociais e dos trabalhadores. Não temos partidos políticos, mas não os rejeitamos, somos um grupo de pessoas interessadas em aglutinar a democracia, contra o Golpe de Estado em curso no Brasil e pela ampliação dos direitos. Fala-se livremente nas sextas à democracia. Bem vindos ao ocupar a república’ – Um integrante.

As candidaturas que expressavam ideologicamente para o grupo sendo progressistas ganhavam atenção, e o próprio ocupar disponibilizava o espaço construído para debates com candidaturas progressistas que estivessem dispostas a apresentar suas ideias, por exemplos candidatos a vereador como Rodrigo Moraes, Milene Lauande e Apolônio. Os membros do ocupar também participaram de forma significativa no 2º turno das eleições apoiando o candidato Edmilson (FIGURA 7) para a prefeitura e realizando campanha, ficando explícito no depoimento de P. N. abaixo:

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Essa mobilização acontecia paralela à campanha institucional do Edmilson, mas aos poucos aquilo se transformava no evento de campanha mais importante do Edmilson no final do dia. Existe uma semelhança na forma de organização do ocupar e dessas bandeiradas, a gente chamava de comitê independente do Edmilson, não eram atos subordinados a lógica da campanha, não tinha um comando que vinha da campanha. A campanha só dava impressos. Era algo que não tinha controle e era um movimento muito bonito. Essa lógica partidária ela está desenvolvida em uma noção de hierarquia que não existia dentro do nosso movimento, ou pelo menos existia de uma forma mais fluida. (Entrevistado P. N., entrevista no dia 25 de junho de 2018).

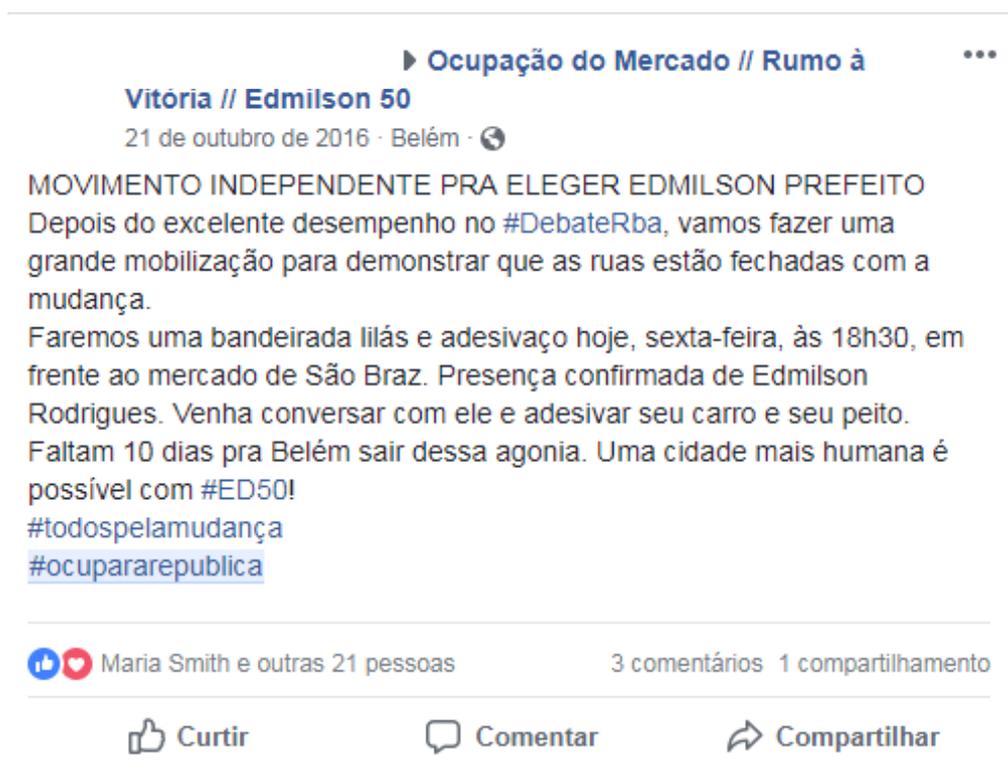


Figura 9 - Chamada para apoio à candidatura de Edmilson Rodrigues à Prefeitura de Belém.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

O movimento também atuava na promoção de debates e aulas públicas na praça da república, sempre com o objetivo de promover discussões sobre democracia (FIGURA 7; 8), além de participar de protestos públicos junto à outros movimentos sociais da cidade (FIGURA 9) e de promover reflexões também ante à mídia e a arte (FIGURA 10; 11).

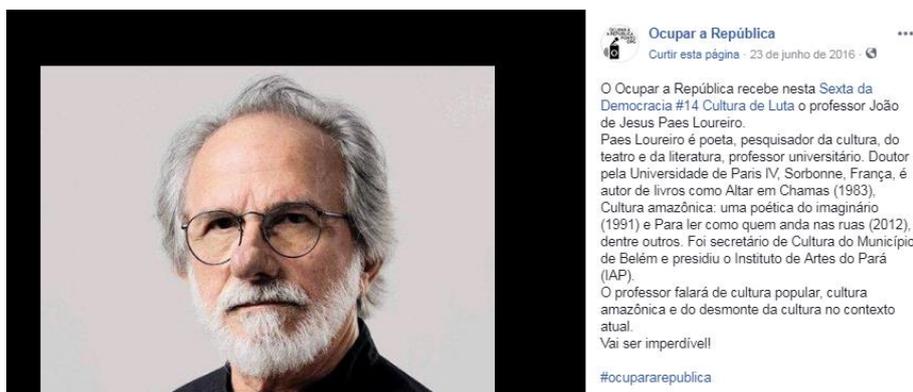


Figura 10 - Divulgação de Aula Pública com o Professor Paes Loureiro (UFPA).

Figura 11 - Aula Pública com Romero Ximenes.



Figura 12 - Performance Político-Artística de Ieda Guedes sobre Cultura do Estupro.

Figura 13 - Ocupar a república no jogo do Paysandu.

O movimento também se valeu de outras estratégias para conectar a atuação *online-offline*, como a produção de vídeos curtos durante os encontros com pessoas argumentando sobre o porquê não teria golpe. E que depois acabou por ser questionada por outros membros, para os quais o golpe já estava operante na política brasileira. Como um movimento horizontal, ocupar a república concordou que não o golpe já estava em

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

curso na sociedade brasileira e assim interrompeu a série de vídeos e disponibilizou a página para que as críticas ao movimento também fossem feitas naquele espaço.

Os Conflitos

Durante as atuações do movimento foi possível identificar pontos de conflitos entre o ocupar a república e outros movimentos, além de disputas internas que ocasionaram algumas fissuras no decorrer do processo de desenvolvimento. O primeiro momento relevante que merece destaque foi o fato das divergências entre membros acerca da forma de participação com o “Ocupa MinC” dentro da perspectiva da existência de ações de outros movimentos sociais, transformando assim a grande incógnita em como conciliar o ocupar a república com as atividades da ocupação de um prédio público promovido por outros movimentos. Como podemos perceber na declaração de J. F. abaixo:

As relações com o Ocupa Minc às vezes eram complicadas e outras totalmente pacíficas, tinham membros e fundadores do ocupar a república, que todas as suas atividades políticas faziam no Ocupa MinC, em vez do ocupar a república. A gente conversou sobre isso, será que temos que tirar o ocupa república e colocar no Ocupa MinC? Só que os membros fundadores... A gente pensava que não era um bom negócio deixar uma institucionalidade que estava sendo criada para uma coisa mais esporádica, sabíamos que iria durar 1 mês, queríamos fundar um lugar que seja referência para a militância política. (J. F., entrevista realizada em 20 de junho de 2018).

Notamos que existiam defesas contra e a favor da mudança do local de concentração das atividades, e a proposta vencedora foi de se manter na praça como o habitual, porém participando do outro espaço dentro do possível, o que levou a alguns membros se afastarem do ocupar a república, mas não abertamente romperem, um fator relevante para entender a dinâmica da própria organização do movimento, que possuía vertentes mais horizontais com relação a essa participação de membros. O “Ocupa MinC” também ganha peso na análise porque foi palco de divergências entre o movimento com outros que estavam participando do espaço, debates raciais e de ideologia se fazem presente nesse contato conflituoso em alguns momentos, entre mulheres com origens e locais distintos dentro da sociedade, como notamos no diálogo com o P. N.

Durante a ocupação aconteciam diversas discussões, palestras, e em uma as mulheres do ocupar foram participar de uma roda de conversa das mulheres... Não sei o que foi que a B. D. falou dentro dessa palestra que um grupo de mulheres negras se sentiu atingida pela fala dela, e disse que ela estava falando aquilo ali por que ela estava partindo do privilégio branco dela... E aí nesse momentos elas saíram arrasadas, dizendo “não, a gente não vem mais pra cá” e em um dado momento

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

isso vira uma celeuma, por que eu era uma das pessoas que tava entusiasmado com o Ocupa MinC... E de alguma forma criou um pequena fissura dentro do grupo. (Entrevistado N., 25 de junho de 2018).

Outros casos de conflitos ocorreram de forma mais branda dentro do espaço das reuniões de sexta feira, quando membros de partidos políticos como o PSTU, defendem pautas que se chocavam com parte do público presente, como por exemplo, a defesa do “Fora Todos”, onde basicamente acusavam Dilma e Lula de fazerem parte de um mesmo grupo de outros políticos corruptos e que não defendiam a população. O público presente em sua maioria discorda dessa análise e reagiram com vaias, quando atos como esse ocorrem, principalmente nas primeiras reuniões do movimento.

Desafios

Quatro amigos advogados e preocupados com a situação política do país e os rumos que a mesma tomava e entenderam a necessidade de se começar um movimento democrático que tinha por objetivo e o maior desafio, barrar o impedimento do governo de Dilma Rousseff.

Um dos primeiros desafios que o grupo de advogado que criaram o movimento tiveram, foi a divulgação, primeiramente foi ela feita entre os amigos, no boca a boca, porém, as redes sociais online como o Facebook foram fundamentais para que o movimento ganhasse adeptos e militantes, sejam aqueles que já militavam em outras áreas e em outros momentos e aqueles também que nunca haviam militado, como pode ser identificado na fala de um dos membros do movimento,

A divulgação foi acontecendo nas redes sociais, mas também muito nesse boca a boca e ai foi muito legal, por esse alcance das redes sociais, pessoas que não tinham muita proximidade, não conheciam previamente nenhuma das pessoas envolvidas, começaram a se agregar e se juntar ao movimento, então ele vai, e migra para a praça da republica, ai se define toda sexta-feira a reunião na praça. (M. X. Entrevista realizada no dia 28 de junho de 2018).

Neste sentido as redes sociais online surgem como uma ferramenta para aproximar as pessoas em prol de uma mesma causa, diminuindo a distancia e aproximando ideais entre pessoas que previamente já se conheciam e outras que tampouco sonhavam em se conhecer, mas que lutam de alguma maneira pelas mesmas, assim as redes sociais, quando

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

pensamos em movimentos sociais e mobilização de pessoas para lutar por uma mesma causa, se torna uma ferramenta para a aproximação, mas também, não somente ela, o boca a boca também é válido, e ambos fazem uma boa combinação, e essa combinação ajudou a superar o primeiro desafio pós-criação do movimento. Pois como aponta em outra fala, sobre como começou a ganhar “corpo” o movimento, com pessoas, o boca a boca entre amigos pessoais e amigos de amigos foi fundamental para isso,

Muitos dos amigos pessoais, eles foram se agregando pessoas ligadas a eles foram se agregando, o movimento foi ganhando corpo, se abrindo, ganhando alcance, ganhando visibilidade, as pessoas foram aderindo, nesse boca a boca. Tem-se um leque de pessoas muito grande, como por exemplo, professores universitários, principalmente das ciências humanas como um todo, mas se tem também artesãs, petroleiro aposentado, pessoas que haviam militado em várias frentes, em diversas época da vida, que encontraram ali pares, em pensamento, em ideias em angústias. (M. X. Entrevista realizada no dia 28 de junho de 2018).

Outro desafio do movimento Ocupa a Republica, foi a desconstrução da ideia que a mídia passa sobre os movimentos sociais e sua marginalização, esse processo de desconstrução foi um processo necessário para aqueles que não militavam e tampouco participavam de movimentos sociais, mas, se identificaram com o movimento, rodas de conversas, e debates sobre a marginalização dos movimentos, como é evidenciado na fala de um dos membros atuante do movimento:

Esse movimento de desconstrução foi necessário para mostrar para aqueles que não participavam de movimentos sociais mais que estava ali, mostra como a mídia constrói, como ela marginaliza, a exemplo os movimentos sobre a reforma agraria e da reforma urbana, que são uns dos grandes vilões para a mídia, coloca todos eles como marginais vagabundos que não querem trabalhar e foi bem importante para todos [os que compunham o movimento] desmitificar tudo isso. (M. X. Entrevista realizada no dia 29 de junho de 2018).

Essa manobra de desconstrução do pensamento midiático dentro do movimento, para os membros, foi necessária para que todos pudessem compreender o que acontecia no movimento e as justificativas para sua criação, visando amenizar o preconceito sobre todos os demais movimentos.

Outro desafio enfrentado foi a falta de dinheiro, existia uma “*bike som*” que fazia a divulgação para chamar a comunidade que não faziam parte do movimento, para comparecer ao encontro e também utilizava-se o *bike som* nas reuniões nas sextas-feiras,

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

então, sendo assim, era necessário a divulgação e o uso dos serviços e dinheiro para o pagamento dos serviços do responsável pelo trabalho e dono da *bike som* pela divulgação, para isso, os membros participantes assíduos do movimento doavam dinheiro, faziam-se “vaquinhas” constantemente para o pagamento do aluguel e dos serviços, não eram todos que doavam, e essas reuniões deliberativas eram mais restritas, com um número menor de pessoas, porém, as decisões maiores, eram decididas nas Sextas da Democracia, como eram conhecidas as sextas-feiras de atos do movimento Ocupa a República. Isso durou um tempo, até que conseguiram dinheiro para a compra de uma caixa amplificadora.

Até então, os desafios apresentados haviam sido superados, porém, com o tempo, surge um desafio ainda maior, conseguir manter o movimento ativo, sobre isso deixo a fala abaixo.

Algumas pessoas que eram muito frequentes no início, depois de um tempo passaram a não frequentar mais, não participar com tanta assiduidade, e não tomar mais à frente de algumas questões, assim, outras pessoas entravam e supriam esse lugar, assim centralizava algumas atividades [...] aí em um determinado momento ela [a Sexta-feira da Democracia] foi se tornando mais espaça, até que ela para de acontecer e vai acontecer esporadicamente só. Por diversos motivos, não é fácil você reunir muita gente todas as sextas-feiras, e a gente conseguiu isso por muito tempo até, e outro motivo foi as chuvas que acontecem no final do ano, teve mês em que choveu todas as sextas-feiras no horário do encontro que sempre aconteciam as sete (7) da noite. (M. X. Entrevista realizada no dia 28 de junho de 2018).

Não são somente as adversidades de tempo, deslocamento e outras coisas que desmobilizaram o movimento, o clima meteorológico da região contribui bastante para que isso acontecesse. Esse foi um dos maiores desafios dentro da configuração em busca de consolidação do movimento Ocupa a Republica,

Qualquer movimento político hoje me dia, ele é muito desafiador por diversas coisas, houve um desgaste desses movimentos de esquerda durante os anos, um falta de crédito até, as pessoas foram sendo desacreditadas, as pessoas foram desacreditando e houve uma desmobilização durante muito tempo e retomar essa mobilização é complicado, as pessoas terem tempo, disponibilizarem um tempo seu para estarem em algum lugar, se dedicar a isso, é uma coisa difícil, é um grande desafio que a gente tem, e que eu acho que não é só a gente, e de qualquer movimento político. (M. X. Entrevista realizada no dia 01 de julho de 2018).

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

De uma forma geral o grande desafio do movimento e de uma maneira mais abrangente, de qualquer movimento social na atualidade, nos dias tortuosos que se seguem, é manter o envolvimento dos membros, dos adeptos do movimento, em suas atividades, participar ativamente de movimentos sociais requer participação assídua, e como é dito, por Marilda, esse é um grande problema, pois nem todos conseguem dispor de um tempo relativamente significativo para estar dentro do movimento, manter o engajamento das pessoas é algo muito desafiador, e acaba por se tornar o maior desafio dos movimentos e no movimento Ocupa a República, nas Sextas Democráticas, foi o principal motivador dos encontros terem se tornado menos frequente:

Desde o início acho que o grande desafio foi esse, claro que para chamar membros e manter a disponibilidade de participar, de contribuir é preciso que as pessoas compreendam, concordem e confiem no grupo, especialmente em quem é identificado como liderança. Eu vejo duas dificuldades em conseguir manter o engajamento, inclusive para mim em alguma medida, é conseguir conciliar a atividade política (reuniões, participação em atos, produção de eventos, formação de base etc) com as atividades profissionais e as demandas pessoais. Esse é um grande desafio para todo mundo porque exige que se acrescente mais uma tarefa numa rotina que já é cansativa. A outra dificuldade, que não se apresenta com tanta imponenteza como a primeira para mim, é acreditar que aquela atividade política vai fazer diferença, que ela é importante e que vai contribuir para se tornar realidade aquela reivindicação. (M. X. Entrevista realizada no dia 01 de julho de 2018).

Os desafios foram muitos e continuam sendo, mas o desafio de manter os membros atuantes e acreditando no movimento como no início é uma das principais dificuldades apresentadas, até mesmo para aqueles que foram membros atuantes e assíduos e que entendem, compreendem e acreditam no sentido e no potencial do movimento no qual está inserido.

Conclusões

Ocupação pode ter diversos significados para quem faz uso desse termo, desde um ato utilizado para lutar por moradia por parte da população que sente as consequências da crise econômica, seja para intervir em lugares públicos que foram “sequestrados” da população ou então demarcar que a democracia ainda pode viver, enquanto existirem pessoas dispostas para lutar por ela.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

O ocupar nasce com uma grande simbologia estampada em seu próprio nome, orientando um caráter de resistência no espaço público, no caso, em uma praça, que historicamente sente diferentes pessoas passando por ela todos os dias, porém nas sextas feiras era um espaço além de um simples trajeto, pois se transformava em um ponto de encontro para debater democracia.

A instabilidade de uma democracia representativa em crise ocasiona diferentes efeitos na população, o ocupar derivou dessas preocupações e sentiu o impacto de quando foi aprovado o impeachment em 2016, posteriormente a esse fato, a sensação de derrota consegue transversalizar esse grupo afetando diretamente seu desempenho, não há como negar o impacto dessa ação, porém também não se pode esquecer que indivíduos emergidos em seus deveres diários em determinado período tentaram de forma efetiva lutar por mudanças no espaço público.

As vitórias ocorreram. Organizar e mobilizar um grupo de pessoas não é tarefa fácil, expandir esse número para uma periferia maior é mais complicado ainda, somado com o fato de emergirem em um tipo de organização que preserva a horizontalidade, onde se encontra dificuldades de agir depois de determinado período, sem dúvida foi uma grande experiência de movimento dentro de um ciclo de protesto contra o golpe no Brasil.

Podemos pensar para além de uma conclusão, o movimento “Ocupar a República” que surgiu em 2015 na Praça do Carmo idealizado por quatro amigos, com tentativa de mobilizar e discutir com a população as questões políticas pela qual o Brasil estava passando naquele ano e que tinha como um dos objetivos frear um possível processo de impedimento então presidenta Dilma Rousseff; pelo congresso nacional, não chegou ao seu fim.

Suas atividades ficaram mais espaçadas com o decorrer do tempo e o movimento fora de certo modo “derrotado” como o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, mas seus sinais ficaram marcados na história dos movimentos sociais na cidade de Belém, ele teve relevante importância na agenda de movimentos sociais dentro desta cidade, tanto para aqueles que o compunham diretamente; braços ativos dentro do movimento e se mobilizavam para que as “sextas-democráticas” acontecessem, quanto para aqueles que puderam experimentar a vivência em movimentos sociais pela primeira vez.

O movimento oportunizou a fala de muitos, contribuiu para a mobilização, desmistificação e desconstrução do modo de pensar de várias pessoas, seja por meio de

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

aulas publicas, rodas de conversa, experiência compartilhada em outros movimentos sociais e etc., o movimento “Ocupa a Republica” oportunizou possibilidades de dividirem pensamentos e dificuldades, de vivencias e compartilhamento de emoções, ao permitir a falar para seus pares, aproximou pessoas que já lutavam e militavam ou militaram em algum causa ou momento da sua vida e continuam na luta e deu a aquelas que nunca haviam participado de movimentos sócias, a oportunidade de estarem ali, de se fazerem presente e participarem.

Mas como todo movimento teve dificuldades financeiras, muitas vezes seus integrantes fizeram “vaquinhas” para comprar equipamentos e/ou pagar o aluguel de uma *bike som* e os serviços de seus donos para que os encontros que ocorriam as 19h das sextas-feiras acontecessem. No entanto, mobilizar muitas pessoas, por um longo período de tempo, não é uma tarefa fácil, dispor de tempo para se dedicar aos movimentos sociais é algo muito complicado e difícil de ser feito, por muito tempo se conseguiu mobilizar um numero regular de pessoas, mas como o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, muitas pessoas assíduas começaram a deixar de frequentar, seja por falta de tempo, seja por perceber que de algum modo foram “vencidos”.

Mesmo com todas as adversidades, dificuldades e sensações de “derrota” o movimento não pode ser encarado como encerrado, existe ainda ligações afetivas que envolve os participantes, um mecanismo “online” como um grupo de *WhatsApp* em momentos sem mobilizações externas consegue preservar ao menos o contato entre alguns indivíduos, por isso esse movimento pode não estar ativamente enquanto grupo nas ruas, mas existe a possibilidade de voltarem se a conjuntura os forçarem a agir, e as redes criadas podem facilitar nesse processo.

Bibliografia

CASTELLS, M. 2013. **Rede de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro, Zahar, 271 p.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

TARROW, S. 2009. **O Poder em Movimento**: Movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, Vozes, 319 p.

TEJERINA, B.; PERUGORRÍA, I. Continuities and Discontinuities in Recent Social Mobilizations. From New Social Movements to the Alter-Global Mobilizations and the 15 M. In: TEJERINA, Benjamín; PERUGORRÍA, Ignacia (Orgs.). **From Social to Political**. New Forms of Mobilization and Democratization. Bilbao: Argitaipen Zerbitzua, 2012. p. 93-112.

AÇÃO COLETIVA CINCO

TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA – MST

Douglas Pereira Pinheiro
Luiz Felipe da Rosa Santa Brígida
Yasmim Pereira Cunha Mescouto
Yasmin Barbosa Pinto

A pesquisa apresentada neste relatório busca elucidar de que forma o Movimento Rural dos Trabalhadores Sem-Terra, que está entre os maiores do mundo, se organiza enquanto Movimento social, historicamente importante para a luta camponesa no cenário agrário brasileiro.

O Movimento possui uma complexa organização administrativa e diversas formas de ações políticas que percorrem quase todo o país. Entrevistamos o militante do MST André Rocha, mestrando do Núcleo de Ciências Agrárias da UFPA, que utilizamos como ferramenta de acesso às informações mais específicas referentes ao Movimento, e que nos serviu como norte para a compreendermos o aspecto histórico, que nasce em decorrência de uma estrutura fundiária desigual, oligárquica e violenta que o Brasil carrega desde o período colonial. Bem como a questão administrativa-organizacional que conta as democracias de modelo ascendente e descendente, assim como o estabelecimento dos acampamentos e posteriormente, os assentamentos de onde saem as coordenações estaduais e nacionais.

No aspecto das ações políticas estratégicas, os acampamentos se configuram como principal ferramenta de conquistas de terra, seguida pelas marchas reivindicando a reforma agrária que rumam as capitais e contam com a contribuição de outros Movimentos, além das feiras que acontecem todos os anos em 22 estados e onde sua produção agroecológica é comercializada.

Atualmente, o MST enfrenta grandes desafios como o Agronegócio que se enquadra como modelo econômico de máxima expressão do capital no campo que fomenta a violência na área rural e a disputa de terra. O agronegócio investe em agroquímicos e na exportação, e se encontra nas mãos de grandes empresas nacionais e estrangeiras. A conjuntura política atual não favorece o Movimento, principalmente em relação a proposta de mudança na legislação acerca da flexibilização do uso de agrotóxicos.

A história da estrutura agrária no Brasil e o surgimento do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra foi fundado oficialmente em 1948, em Cascavel, no Paraná em um encontro nacional que visava o debate e mobilização em prol da questão da Reforma Agrária no país. Mas as raízes da luta camponesa são históricas e fruto de problemas estruturais que antecedem esse período, se iniciando desde o Brasil Colônia com a intensa concentração de terras, dominado pelo latifúndio implantado pela colonização portuguesa. Assim como no período da Ditadura que intensificou esse processo de desigualdade e má distribuição de terra com o investimento do capital estrangeiro e a modernização da agricultura.

O latifúndio, a monocultura, a escravidão, e todas as outras características da colonização do território brasileiro pelos portugueses configurou nosso atual cenário agrário e contribuiu para a consolidação das desigualdades sociais e, conseqüentemente, a má distribuição de terra no país. Podemos tomar como exemplos determinadas políticas históricas que contribuíram profundamente para a concentração de posse no Brasil como a instituição das capitânicas hereditárias no Brasil pelo governo de D. João III em 1536 previa a concessão de faixas de terra aos nobres que possuíam a confiança da realeza, que deveriam ser repassadas hereditariamente de pai para filho. Posteriormente, houve a implantação da Lei das Sesmarias, por decorrência do constante abandono de terras na colônia, onde os donatários das capitânicas tinham a missão de tornarem essas terras produtivas para o desenvolvimento da agricultura, delegando aos colonos o cultivo dos pedaços de terra. Além da, talvez, política mais significativa referente a manutenção da concentração de terra que se trata da Lei de Terras de 1850, instituída por D. Pedro II com o intuito de estabelecer de forma jurídica o uso da terra. O estabelecimento da lei previa que para adquirir as terras teria de ser por meio de compra e venda ou por doação do Estado, e não mais por usucapião. O critério utilizado para conceder o título da terra a quem já morava na localidade, era estar produzindo.

Todas essas medidas possibilitaram a manutenção da desigual estrutura fundiária brasileira e beneficiaram a elite agrária fortalecendo as oligarquias locais pois designou a compra como forma de aquisição das terras, de modo que a população de baixa renda não tivesse acesso às mesmas.

A intensificação desse processo ocorreu no período ditatorial com o capital estrangeiro e a modernização da agricultura de forma seletiva, que excluía a agricultura familiar e os

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

pequenos produtores, e que impulsionou o êxodo rural. Em função da exportação da produção o uso de agrotóxicos foi intensificado, a centralização do capital se expande em nome de uma política nacional-desenvolvimentista. Essa política continuou fomentando a reprodução de poder na mão das elites dos grandes proprietários de terra, disfarçado de modernização econômica da agricultura. A grilagem institucionalizada foi uma das práticas mais perniciosas que contribuíram para o domínio fundiário das elites, a falsificação de documentos tinha aval da omissão do Estado, que culminou com a desarticulação dos Movimentos Camponeses, juntamente com uma violenta repressão à que sem opusesse.

Objetivos do Movimento

O MST tem três objetivos claros, os quais norteiam o Movimento. São eles: a luta pela terra, a reforma agrária e o socialismo.

A luta pela terra reivindica que a terra pertença a quem nela trabalha. Essa busca por redemocratização remonta à questão da Reforma Agrária, uma pauta há muito tempo negligenciada pelos governantes. No entanto, para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, este é um dos principais aspectos a serem atingidos.

A Reforma Agrária, em um conceito geral, seria a busca por uma justa distribuição de terras, que no Brasil, funcionaria como justiça social em razão dos longos séculos de desigualdades fundiárias que perduram até hoje com os latifúndios. Estes não são apenas terras extensas não cultivadas ou mal aproveitadas por técnicas de baixa qualidade, mas trazem em seu significado uma história do Brasil que possui estreita relação com a escravidão, o alto lucro para os donos de latifúndio e a exportação para consumidores estrangeiros, em detrimento da parte brasileira que trabalhava no campo e ainda assim, pouco recebia em resposta. Atualmente, o latifúndio permanece como um dos grandes adversários do MST, prejudicando inúmeras famílias que não têm onde morar e nem onde trabalhar.

Os objetivos do MST, em todos os aspectos, trazem uma luta maior. Nosso entrevistado e tudo o que se sabe do Movimento deixa claro que não existe uma predisposição para que ele acabe, afinal, o grande propósito reside na implantação do Socialismo no país, uma mudança radical na estrutura brasileira.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Para os integrantes do Movimento, o trabalho é sempre mais importante que o lucro, o capital. Por esse motivo, o MST, em sua essência, busca a igualdade social, com garantia de direitos e trabalho para todos, distribuindo igualitariamente a terra, que é um bem comum.

Como o movimento se organiza?

O Movimento se organiza em forma de acampamentos ou assentamentos. Os integrantes do Movimento, que até então não têm direito à terra, estabelecem os acampamentos em forma de protesto para pressionar o poder público a olhar para as suas causas e suas necessidades. A partir do momento que esses acampamentos são estabelecidos, se inicia as negociações perante o governo para adquirir a posse sobre a terra, e assim, estabelecer os assentamentos.

Esses acampamentos ou assentamentos tem uma estrutura organizativa que eles chamam de democracia ascendente e democracia descendente. A democracia ascendente são todos os espaços de tomadas de decisões em todos os âmbitos do Movimento. Nos assentamentos ou acampamentos os integrantes do Movimento se organizam em núcleos de família, que geralmente tem em torno de 10 a 20 famílias, dos vários núcleos de família que compõe o assentamento ou acampamento é que são escolhidos os aqueles que vão coordena-los, os representantes escolhidos geralmente são um homem e uma mulher (esse ponto é colocado para que todos tenham direito a participação nas tomadas de decisões independentemente de gênero). As famílias devem se reunir durante duas vezes ao mês para discutir sobre as questões referentes aos acampamentos/assentamentos e sobre sua participação nos atos nacionais, como as marchas. Já os coordenadores têm que anotar as opiniões, visitar as famílias e encaminhar os problemas.

Posteriormente, através da escolha dos coordenadores de cada assentamento ou acampamentos é que são formadas as comissões estaduais e sucessivamente a direção nacional. Outro espaço de tomada de decisões são os encontros estaduais e nacionais do MST e o mais importante, o congresso nacional do MST (que ocorre de 5 em 5 anos) onde é decido o programa agrário, se mantem ou se reforma ele; até 2018 ocorreram 6 congressos nacionais, sendo o primeiro em 1985 e o ultimo em 2014.

Já a democracia descendente é aonde as decisões que foram tomadas nos espaços de decisão são implementadas, essas decisões são colocadas em pratica através dos

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

chamados setores, cada um desses setores tem uma função específica, e atualmente tem um total de 11 setores: frente de massa, trabalho de base, saúde, educação, produção, cooperação e meio ambiente, gênero, juventude, finanças, cultura, comunicação, coletivo LGBT e relações internacionais.

Ações Políticas

O MST ao longo de sua história adotou as mais diversas formas de lutas e ações. As mais contundentes e visibilizadas são as ocupações de terras; o assentamento tem papel fundamental, que segundo o site do movimento, é o espaço para as famílias camponesas viverem, trabalharem e produzirem, dando uma função social a terra e garantindo um futuro melhor a essas populações. As terras invadidas, segundo o movimento, são espaços que não cumprem uma função social, que é prevista pelo Artigo 186 da Constituição de 88.

“A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos: I - aproveitamento racional e adequado; II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores”. (Constituição Federal).

Atualmente é difícil contabilizar o número de assentamentos e acampamentos existentes no Brasil. Segundo André Rocha, integrante do MST com quem tivemos contato e realizamos a pesquisa, no nordeste paraense, que é a regional Cabana do MST-PA, são seis assentamentos e seis acampamentos. Quanto ao número nacional, não conseguimos achar números e dados que pudessem demonstrar de fato a quantidade de assentamentos e acampamentos. Dados retirados do site do movimento nos mostra o número de famílias hoje no Movimento, que é de 350 mil famílias assentadas.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Outra forma de luta contundente no movimento são as marchas, que são realizadas em várias capitais do país. Segundo André, as marchas tiveram maior visibilidade e apoio popular em anos anteriores, já hoje, pelo contexto, o MST encontra maiores dificuldades:

“Obviamente a nossa forma de luta depende de como a sociedade reage, e até o final da década de 90 e início de 2000 a gente conseguia muito apoio da sociedade nas nossas marchas.” (Trecho da entrevista com André Rocha).

No ano de 1997, o MST realiza a Marcha Nacional por Emprego, Justiça e Reforma Agrária, que saiu de três pontos do país, e marchou por dois meses em direção a Brasília, chegando lá foi recebido por uma multidão de 100 mil pessoas, exatamente um ano após o massacre de El Dourado dos Carajás. Além de pedir por Reforma Agrária, outra pauta da marcha era a punição dos responsáveis pelo massacre. Atualmente as marchas acontecem anualmente, seja em âmbito regional ou nacional, mas segundo André com bem menos apoio que as marchas dos anos 90.

As feiras da Reforma Agrária que acontecem, atualmente, em 22 estados, é outro ponto importante de luta e resistência. Nas feiras são comercializadas as produções das famílias, os produtos são naturais, orgânicos e livres de agrotóxicos. Atualmente a produção do MST está nas 1,9 mil associações, 96 agroindústrias e 100 cooperativas, onde o MST coloca em prática o comprometimento de produzir alimentos saudáveis. Na última Feira Nacional da Reforma Agrária, que aconteceu em São Paulo, foram contabilizados que mais de 170 mil pessoas visitaram a feira, totalizando 280 toneladas de produtos comercializados.

Cenário Atual

Durante os anos 90, após o Brasil passar por um recente processo de redemocratização, o MST teve muito apoio popular. Eventos como o Massacre do Eldorado dos Carajás causaram comoção popular, devido o teor violento por parte da polícia, autorizada pelo governo, contra os militantes.

No governo de Fernando Henrique Cardoso, o apoio popular se manteve, pois o presidente declarou verdadeira oposição ao Movimento, demonstrando sempre sua opinião contrária às lutas populares de pequenos agricultores, os considerando uma classe ultrapassada e moribunda.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Além deste cenário, a maior pauta do MST, a Reforma Agrária, era bem quista pelo capitalismo, afinal, países desenvolvidos como a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, apresentaram um bom programa com vistas à distribuição de terras e o desenvolvimento interno econômico.

Já o PT, desde que foi criado, prometeu incansavelmente que assim que chegasse ao poder, iria realizar um grande programa de Reforma Agrária, pois o partido se identificou intensamente com os pobres rurais, em particular com os sem-terra. Em momentos decisivos da sobrevivência do MST, alguns políticos petistas se arriscaram pessoalmente, mas a maioria tinha interesse pessoal e não organizacional. Já na década de 90, quando o PT queria o apoio do MST, os contatos se intensificaram. A liderança nacional do Movimento declarou total apoio a Lula nas eleições de 2002, inclusive concordou em reduzir o número de ocupações de terras neste ano para o PT não ser acusado de ter uma aliança com um “Movimento violento” que agia “ilegalmente”.

Neste governo, uma equipe foi convocada para traçar um planejamento de Reforma Agrária que nunca foi realizado, o que para Stédille, um dos fundadores do MST, foi falta de vontade política de Lula, por tentar manter uma conduta neoliberalista, em conformidade com os ideais defendidos pelo Movimento de Sem-Terra.

No entanto, vários Movimentos sociais e sindicais, e até mesmo uma parcela do MST, a despeito dos problemas ocorridos no governo Lula, mantiveram sua base de apoio ao governo, demonstrando comportamento de quem estava satisfeito com o cenário que se apresentava. Em entrevista concedida a nós, o militante do Movimento sem-terra, André Rocha, admitiu que eles estavam perdendo apoio social, que a cidade não dava importância às lutas.

“Do ponto de vista das organizações sociais, nos últimos governos do Lula e da Dilma, as organizações sociais foram para dentro do governo por uma questão institucional. Os sindicatos, então, não tinham sentido fazer luta, ficou só a gente fazendo luta. Lá em 90 não, a gente fazia luta, os sindicatos faziam luta, o campo e a cidade faziam luta. De 2003 a 2015, 2016, ficou só o MST fazendo luta, e os Movimentos do campo, da Via Campesina. Os

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

outros Movimentos sindicais não faziam luta, ainda criticavam a gente por estar fazendo luta, porque tinha que apoiar o governo. A gente perdeu o apoio das organizações que hoje ‘tão’ sentindo necessário. “Ah mas e cadê o povo na rua pra botar ‘Fora Temer’?”, se passaram 13 anos dizendo que não precisava fazer luta? Então, foi uma geração que foi formada na institucionalidade, não foi uma geração formada nos sindicatos, nos processos de organização social, foi uma geração formada achando que no gabinete se resolvia as coisas.” (TRECHO DA ENTREVISTA COM ANDRÉ ROCHA).

Não bastasse todos os entraves, a conjuntura atual em nada favorece a situação do MST. O país, como bem disse o militante que entrevistamos, encontra-se numa situação de golpe e o atual presidente não parece dar visibilidade a essas questões.

Recentemente, tem percorrido pelo Congresso Nacional a PL 6.299/2002, que traz como conteúdo uma proposta de flexibilização das regras de aplicação e fiscalização dos agrotóxicos na agricultura. O Projeto de Lei pretende mudar o nome dos agrotóxicos, afirmando que este termo é pejorativo e ligado a “veneno”. Aqueles que vão contra estas ideias, dizem que seria uma forma de suavizar o impacto que ele causa, buscando maior aceitação destes. Outro ponto é também a liberação de novos produtos, pedindo mais rapidez e menos análises pelas quais precisam passar os agrotóxicos, com o intuito de criar uma única comissão ligada ao Ministério da Agricultura para realizar essas atividades. Claramente, as regras diminuiriam e produtos muito prejudiciais à saúde humana e ao ambiente seriam liberados. Dentre outros, a PL pretende deixar a fiscalização nas mãos da União, apenas, tirando qualquer autonomia dos estados ou municípios para isso; a propaganda de agrotóxicos também seria muito mais ampla e divulgada, além do exponencial aumento de agrotóxicos genéricos e equivalentes.

O modelo econômico do Agronegócio se configura como um dos maiores inimigos do MST, segundo o nosso entrevistado. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra utiliza suas estratégias de enfrentamento como a ocupação de terras, acampamentos e manifestações, além de trazer uma proposta produtiva de base agroecológica, se desvencilhando da monocultura e do latifúndio, indo contra todo o modelo de

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

desenvolvimento do agronegócio. O mesmo é a principal expressão da ação capitalista no campo, assim como se constitui como um fator preponderante para a causa da violência no meio rural. A criação de monoculturas é priorizada e voltada para o mercado externo. As extensões de terra precisam ser maiores para atender esse tipo de modelo, o que é determinante na ocorrência conflitos.

O processo de modernização da agricultura não rompeu, mas sim contribuiu com o ciclo de reprodução das velhas relações sociais de exploração no campo. O que é necessário compreender é que o processo de modernização do agronegócio foi igualmente proporcional ao aumento da violência no campo. Naquelas áreas em que houve uma expansão da agricultura moderna são as de maior conflito. É interessante compreender que o processo de modernização da agricultura empresarial no campo está diretamente ligado a uma colonialidade do poder e do saber que prevalece desde nossa formação histórica. Ou seja, esse fenômeno da modernização não modifica a estrutura das relações de poder no Brasil, e sim legitima sua reprodução. A modernização dos nossos cerrados e da Amazônia tem sido a atualização de práticas coloniais de regiões tomadas como atrasadas, subdesenvolvidas ou como vazios demográficos. Enfim, por toda uma rede discursiva marcada pela colonialidade do saber.

Conclusão

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra tem em sua história muitas lutas, oposições ao governo e principalmente, uma busca incessante pela justiça e igualdade social. É uma determinação que nasceu dos ideais de pessoas pobres que perderam suas terras e suas bases de sustento, que outrora enfrentaram a violência policial e a perda de muitos de seus militantes. Ainda assim, o MST prosseguiu, encontrou apoio popular e político de esquerda, e apesar da situação em que se encontra nosso país, eles seguem reivindicando um objetivo maior, que é o de transformar a sociedade em um ambiente mais igualitário e justo com a implantação do socialismo.

Este é um Movimento embasado, assentado em ideias marxistas que desde sua origem encontrou força opondo-se a governos que tinham no capital sua maior meta. O MST atribui grande valorização ao trabalho e não é à toa que possui números tão expressivos na produção de produtos agroecológicos de seus assentamentos, com muito esforço legalizados após lutas e encontros. Eles encontram em suas feiras e marchas a maior exteriorização de seus ofícios, tentando levar à sociedade a importância dos pequenos

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

agricultores não aliados ao agronegócio. Apesar das cidades se enganarem com o que a mídia propaga, é realidade que, como nosso entrevistado disse, a maior parte do que é servido na mesa dos brasileiros provém do que essa classe rural produz.

Apesar de derrotas tão árduas como a não concretização da Reforma Agrária em tantos anos de luta e perceber que isso sequer faz parte das agendas de governo, o MST não pretende parar. Este tem história, patrimônio e objetivos que visam, também, a saúde, já que são determinadamente contrários ao uso de produtos que podem prejudicar a alimentação, em consequência, causando graves prejuízos ao bem-estar da população.

Como nos relatou o entrevistado André Rocha, a cada despejo que sofrem as famílias, o Movimento sente-se sofrendo uma derrota, mas para eles, também, a cada novo assentamento conquistado a esperança é renovada e mais uma vitória é adicionada à conta.

Em suma, depois de tantos anos, o MST teve seu auge e hoje perdeu massivamente o apoio popular; contudo, isso nunca significou um empecilho para que eles realizassem suas ações e seguissem produzindo aquilo que vem da terra em congruência àquilo que acreditam. A terra deve permanecer nas mãos de quem nela quer trabalhar, e não para àqueles que a usam desregradadamente, com o único intuito de obter lucro.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

Referências

BRASIL. Art. 186. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: [s.n.], 2016. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 07 jul. 2018.

DICIONÁRIO da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2012. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

NOSSA Produção. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-producao/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

FEIRAS da Reforma Agrária: alimentação saudável com o selo do MST. 2017.

Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2017/12/18/mst-realiza-feiras-da-reforma-agraria-em-todo-pais-como-alternativa-de-alimentacao-saudavel-e-livre-de-agrotoxicos.html>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-criacao-do-mst>

<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2018/06/entenda-o-que-esta-em-jogo-na-nova-lei-dos-agrotoxicos.html>

<http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8247.html>

<http://www.mst.org.br/2013/10/21/chicao-o-congresso-de-1985-e-um-marco-historico-do-mst-demos-uma-nova-cara-a-luta-pela-terra.html>

<https://www.infoescola.com/historia/lei-de-terras/>

https://www.historiabrasil.net/resumos/lei_terras.htm

<https://www.infoescola.com/historia/sesmarias/>

[https://www.infopedia.pt/\\$lei-das-sesmarias](https://www.infopedia.pt/$lei-das-sesmarias)

<http://memoriasdaditadura.org.br/trabalhadores-rurais/index.html>

<https://www.todamateria.com.br/capitanias-hereditarias/>

BRANFORD, Sue. Lidando com governos: o MST e as administrações de Cardoso a Lula. In: CARTER, Miguel (Org.). *Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil*. Trad. Crisitna Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 409-431.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

LEITE, Jáder Ferreira; DIMENSTEIN, Magda. Movimentos Sociais e Produção de Subjetividade: o MST em perspectiva . 2010. 269-278 p. Artigo (Psicologia e Sociedade)- Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200007>. Acesso em: 07 jul. 2018.

Anexo

Entrevista com André rocha – militante do MST-PA e mestrando do Núcleo de Ciências Agrárias da UFPA realizada em 19/06/2018.

1. Como foi o processo de criação desse movimento (ano, contexto político, iniciativa inicial)?

Bom, então. Primeiramente, o MST foi fundado em 84. A data de fundação é janeiro de 84 no Paraná, no encontro nacional... A gente costuma dizer que ali é a fundação, mas ele surge antes, ele é fruto de todas as lutas camponesas que tiveram, luta pela terra, desde canudos, cabanagem, contestado... Que essas experiências de lutas... Mais recentemente, um “pouquinho” antes do MST, via camponesa, movimento dos trabalhadores sem terra no Rio Grande do Sul, até, que é o máster que chama, que é a constituição do MST nessa data que eu falei, de lá dói se espalhando pelo Brasil, hoje o MST está em estados mais o DF. Só não tem MST, no Acre, no Amazonas e no Amapá, todos os outros Estados têm o MST.

***Por que nesses estados não tem?**

Na verdade, foi pelo processo de territorialização, não sei bem te explicar exatamente. Mas lá tem menos conflitos de terras, desse ponto de vista do latifúndio, estabelecido, por exemplo, no Amazonas... No Acre é outro processo.

Continuando tua pergunta. Não foi assim foi fundado e logo foi para ou outros Estados. Foi aos poucos indo. E nesses estados não chegou (Acre, Amazonas e Amapá).

2. Qual a principal reivindicação do movimento?

Tem três objetivos que o MST luta, principais, estratégicos que a gente chama: a luta pela terra, ou seja, a terra pertence a quem nela trabalha, quem quer trabalhar na terra tem que ter terra, e pra isso precisa vim o segundo objetivo, que é a luta por reforma agrária, que ai é acabar o latifúndio, a concentração de terra no país, que desde a invasão dos

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

portugueses estabeleceu o latifúndio, e essa estrutura agrária nunca mudou, então para quem quer o uso da terra tem que haver reforma agrária e o último objetivo é o socialismo, então, a construção de uma sociedade sem explorados e sem exploradores.

3. Qual o principal adversário?

(Risos) Bom, a gente diria que inicialmente seria o latifúndio, só que esse latifúndio mudou as características dele, e a gente coloca hoje o agro negocio como esse principal adversário, que aí está colocado latifúndio nele, mas ta colocado o capital financeiro junto, não tem mais a cara... O latifundiário, aquele velho com o “chapelzão”, gordinho, mas o latifúndio hoje ta atrelado ao agronegócio, que é base do agronegócio, e o capital financeiro principalmente.

4. Quem são os participantes do movimento?

São camponeses e camponesas, agricultores, inicialmente sem terra, por isso o nome do movimento, que não tem terra, que se organiza no MST para ocupar uma terra, e conquistar sua terra e ser assentado.

5. Como o movimento é organizado?

Tem uma estrutura organizativa, que a gente chama de democracia ascendente, e democracia descendente. A democracia ascendente é onde se toma as decisões, que vai desde o núcleo de família, que são organizações nos acampamentos e assentamentos, de 10 a 20 famílias que formam um núcleo de família. Desse núcleo vai tirar as pessoas que vão coordenar o acampamento ou assentamento. Dos vários assentamentos e acampamentos do estado vai formar a coordenação estadual. Dos vários Estados tira também (é sempre um casal, um homem e uma mulher, que é para garantir a questão de gênero) a direção nacional. Também como tomar decisão tem os encontros Estaduais, nacional e o congresso nacional, que é de 5 em 5 anos, onde se decide o programa agrário ou se reformula ele, a gente chama isso de democracia ascendente. Aí tem onde a gente implementa essas linhas políticas que foram tomadas, decididas, que a gente vai chamar de democracia descendente, que são os setores, ela se divide em vários setores: frente de massa, que é onde organiza ocupação, trabalho de base; saúde; educação; produção, cooperação e meio ambiente; gênero; juventude; finanças; cultura; comunicação; hoje tem um coletivo LGBT; relações internacionais (11 no total). Porque o MST faz parte da via campesina, que é uma organização internacional, uma articulação internacional de

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

movimentos camponeses, então tem muito essa questão do internacionalismo, o MST tem várias brigadas do movimento em outros países, por exemplo o Haiti, contribuindo com outros países, então tem o coletivo de relações internacionais forte também.

6. Quais as formas de luta do movimento?

Bom, a primeira forma, a mais contundente, que é mais visível, é a ocupação de terra, as marchas também, em outro período isso foi muito forte essas questões das marchas, a gente conseguia ... Obviamente a nossa forma de luta depende de como a sociedade reage, e até o final da década de 90 e início de 2000 a gente conseguia muito apoio da sociedade nas nossas marchas, nas capitais, tinha um apoio social muito forte, que hoje quando a gente marcha, marcha sozinho. Então vários elementos para analisar isso aí. Outra coisa que a gente tá considerando uma forma de luta são as feiras, estamos organizando várias feiras, estaduais, regionais, nacional, que a gente tem conseguido estabelecer um diálogo com a sociedade e mostrar que a reforma agrária, que a gente tem chamado de reforma agrária popular, faz sentido para ocupar terra, por que a gente ocupa essa terra? Para produzir alimentos saudáveis.

7. Nas suas ações, como caracteriza-se o movimento (várias respostas)?

O entrevistado acredita que em suas respostas anteriores já englobam essa questão

8. Nas suas ações, como o movimento caracteriza os seus adversários (várias respostas)?

O entrevistado acredita que em suas respostas anteriores já englobam essa questão

9. Quais foram as ações mais recentes do movimento?

Primeiro o que é no estado e o que é nacional varia um pouco, mas uma ação permanente são nossas feiras, tanto aqui no estado quanto nacionalmente. Teve agora a jornada de abril, que é nacionalmente, mas cada estado faz a jornada de abril. Mas por que abril? Por causa do massacre de Eldorado dos Carajás, em 96, 17 de abril de 96, aí virou um dia de luta internacional dos camponeses, e é celebrada em abril com ocupações; acampamentos pedagógicos, aí mais uma forma de luta, que a gente organiza principalmente nas cidades, ocupações de prédios públicos, INCRA, secretarias de agricultura, grande luta foi a jornada de abril, a feira nacional que aconteceu em maio em São Paulo, no estado as feiras vão acontecer mais no segundo semestre.

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

10. Quais os aliados do movimento?

O MST se organiza na via camponesa, que são outros movimentos, tipo, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Movimento de Mulheres Camponesas (MMC); Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), vários movimentos e organizações ligadas ao campo. Os sindicatos de maneira geral, a classe trabalhadora, a própria FETRAG as centrais de trabalhadores e também os partidos políticos, mas aí a gente considera como aliados os partidos políticos de esquerda.

11. Quais as principais conquistas do movimento?

Talvez o principal sejam os assentamentos, quando a gente conquista cada assentamento, cada acampamento. Não falei a diferença! Vocês sabem? Acampamento é quando a gente na terra e está em disputa judicial, depois que legaliza vira assentamento. Então isso é uma conquista toda a vez. Várias políticas públicas, se a gente pensar hoje, para o campo, foi fruto da luta, principalmente do MST. Tem o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), que vai financiar cursos de ensino médio, técnico, até curso superior, inclusive aqui (UFPA) temos no curso de geografia acontecendo. E essas conquistas se estendem para além do MST, então é para a população do campo, da reforma agrária, e não somente o MST. Então o PRONERA, como política pública, a própria lógica da política de assistência técnica para campo, e de crédito para o campo muito tem influência do MST, isso do plano mais geral, mas do plano o regional os assentamentos e todos os benefícios, de saúde, educação, de construção de escola para as famílias, mesmo do ponto de vista mais local.

12. Houve derrotas (explicação)?

Sempre tem (risos), ultimamente isso não depende só da gente, depende da correlação de forças com o estado, e com o capital, e com o latifúndio. Por exemplo, em dezembro agora houve três despejos lá em Marabá, assentamentos com 700 famílias, 300 famílias foram despejadas, então querendo ou não isso é uma derrota, por mais que depois a gente volte e tente de novo, então perder isso, são as principais derrotas, eu avalio nesse sentido, quando se perde um acampamento não se consegue conquistar.

13. Pode-se imaginar um encerramento das atividades no caso de ter alcançado os seus objetivos?

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

(Risos) poder poderia, mas como os objetivos do MST são muito amplos, incluindo o ultimo que eu falei foi o socialismo, isso não é uma coisa que ta colocada para agora, de imediato, porque o MST não luta só por reforma agrária, luta por uma transformação mais ampla da sociedade. Então vamos supor que se fizesse reforma agrária no país numa perspectiva capitalista, o MST continuaria lutando, numa perspectiva mais ampla da sociedade.

14. Quais os maiores desafios do movimento na atualidade?

Uma conjuntura difícil hoje de golpe no país, acho que tem uma questão imediata da conjuntura política do país, do governo Temer, tem um elemento importante que é uma luta nossa contra a questão dos agrotóxicos, o MST tem acampado, muito forte essa questão dos agrotóxicos, apesar que a legislação ta tentando se reverter inclusive, com o golpe agora mais ainda, então um grande desafio é como a gente consegue organizar, não só nossa base social. No Brasil o campesinato é 15%, se considerar o MST vai da 1%, ou a base do MST, por maior que seja, só isso a gente não vai fazer mudança na sociedade, então a gente precisa fazer uma articulação do campo com a cidade, e essa é nossa maior tarefa, e uma articulação de classe, da classe trabalhadora. A cidade precisa entender que a reforma agrária é importante, que a transformação da sociedade, da estrutura agrária, ela é importante para própria cidade.

***Qual a avaliação a respeito da perda de apoio da sociedade ao longo do tempo?**

É uma constatação que antes a gente tinha um apoio muito grande, porque a reforma agrária estava em pauta, e quando o MST surgiu primeiro pelo apoio e comoção do Eldorado dos Carajás e mostrar que existia uma questão agrária e fundiária que precisava ser resolvida no país, isso não tá mais colocado, nem na mídia nem no ponto de vista da sociedade de uma maneira geral, inclusive, por exemplo, a Veja na sua primeira matéria que faz sobre o MST, ela faz uma matéria boa sobre o MST, porque a reforma agrária é uma pauta capitalista, todo país desenvolvido fez reforma agrária, então você precisa democratizar a terra, gerar um mercado interno para desenvolver o capitalismo interno do país, então a mídia a primeira matéria sobre o MST em 94 faz uma meteria boa na perspectiva de democratização da terra, mas depois quando percebe que o MST tem objetivo de uma transformação mais radical, a segunda capa já é falando horrores do MST , então existe uma investida da mídia contra o MST, as noticias do MST estão sempre na

Tópicos Temáticos em Sociologia: Movimentos Sociais – Ações Coletivas

parte policial do jornal, toda uma proposta de mídia de colocar a sociedade contra o movimento. Fundamentalmente a reforma agrária não ta em pauta pela sociedade, ela não ta preocupada com isso, de um ano pra Cá, com essa propaganda do agronegócio (GLOBO) ta resolvido, não tem problema no campo, não existe conflito no campo, são baderneiros que fazem o conflito, o agronegócio já produz alimento pra gente... o que é uma mentira, na verdade quem produz é a agricultura familiar, o que o agronegócio produz grande parte é pra exportação. Do ponto de vista das organizações sociais, nos últimos governos do Lula e da Dilma, as organizações sociais foram pra dentro do governo por uma questão institucional... Os sindicatos, então não tina porque fazer luta, ficou só a gente fazendo luta, lá em 90 não, a gente fazia luta, os sindicatos faziam luta, o campo e a cidade faziam luta, de 2003 a 2015 ficou só o MST fazendo luta, e os movimentos da via campesina, os outros movimentos sindicais não faziam luta, ainda criticavam a gente por está fazendo luta, porque tinha que apoiar o governo, a gente perdeu o apoio das organizações que hoje tá sentindo necessário, foi uma geração ensinada que não precisava fazer luta, foi uma geração formada na institucionalidade, achando que no gabinete se resolvia as coisas.